



de Antas

BOLETIM PAROQUIAL



Director e Editor: P.º MANUEL DE BRITO FERREIRA
 Propriedade da Paróquia: S. PAIO DE ANTAS
 Redacção e Administração: CENTRO PAROQUIAL — TELEF. 87250
 Composição e Impressão: TIP. OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Editorial
Pelo Dever com Rigor!

O Rumo ao Futuro terá de ser construído pela senda do dever e com rigor. Foi o plano dos Grandes Homens. Que singraram na vida. Que deram o seu contributo para o Bem-estar e Felicidade dos outros. Foi o segredo dos Santos que hoje veneramos em seus altares, cuja santidade foi tecida no sacrifício escondido e silencioso do dia a dia. Nenhum ideal na Vida se poderá concretizar sem esforço, renúncia, sacrifício, isto é, sem o cumprimento do dever com rigor. O homem voluntariamente auto-disciplina sua vida ou terá uma fracassada e estéril vida. O cristão dará frutos se preparar o seu plano de mortificação, oração e trabalho. Se cumprir o seu programa no dever mas com rigor.

Assim como não há Primavera sem sementeiras, Inverno sem frio, Outono sem colheita, também o homem não terá vida produtiva sem exigência de sacrifício e sem golpear os instintos desenfreados.

«Voz de Antas» alertando para o perigo das meias-tintas, aponta aos que Seguem Sempre em FRENTE que o Rumo ao Futuro será pelo caminho do Dever (deveres de cada dia...) com Rigor (isto é, com precisão...).

O "IMPOSSÍVEL,, SUCEDEU Do Deserto ao Jardim!

Num deserto frio, viviam homens tristes e sem coragem de fitar o céu. A infelicidade, companheira inseparável do seu viver, já vinha de muito longe, até que um dia sucedeu o «impossível»...

Tudo começou num jardim (Gn. 2, 8-15).

O homem vivia feliz aí, porque Deus era o seu companheiro de todas as horas: como esperava com ansiedade a brisa da tarde (Gn. 3, 8), no qual Deus o visitava e amigavelmente enchia de ternura e encanto a sua vida! Para esta felicidade é que Deus o criou e o homem era verdadeiramente feliz com Deus.

Porém, um dia, dá-se o desastre: uma árvore do jardim que fazia a felicidade de Deus foi criminosamente assaltada pelo homem, com a finalidade de se apoderar da

ciência divina que ela continha (Gn. 3, 1-6). O Homem proclama-se a ele mesmo «deus» e constrói à margem de Deus a sua vida. E... na tarde desse dia, foi em vão que o Senhor procurou Adão e Eva nos caminhos do jardim (Gn. 3, 8). O homem escolheu outros caminhos: deixaram o jardim de Deus para se esconderem num deserto infeliz e triste onde é quase impossível viver.

Deus parece sentir-se só e, aflito, procura-os, chama por eles...

Adão e Eva ainda ouviram a voz divina que os chamava (e esta voz ficará a ressoar nos seus corações, como uma ânsia do Paraíso perdido, como uma nostalgia da companhia amiga do Pai!). Mas o homem já não voltará a Deus: vê que errou, mas tei-



(Conclui na 2.ª Pág.)

SE NOS PERMITEM...

por CRUZ SANTOS
 (português regressado do Ultramar)

Com uma certa dose de ironia, alguém nos perguntava um destes dias, sabendo como sempre nos preocupou o que ao nosso lado, à frente ou atrás caminha: «Onde está o teu Irmão?»

Julgava o nosso interlocutor, que nuvens negras ensombrando o nosso viver, nos

podiam fazer esquecer o que sempre foi primordial para nós. O Homem numa entrega ao Homem, transmitindo-lhe a mensagem do seu querer, os dedos tocando nos dedos como cadeia indestrutível.

Seria fácil como o foi para Caim, respondermos: «Acaso sou eu guarda do meu Irmão?»

Mas quando lhe apontamos toda a multidão que enchia a rua onde nos encontrávamos, e os que para além dos morros e dos mares, numa luta constante pela vida labutam, e lhe gritamos, não em vozeirão emotivo ou alarmado, mas com a firmeza de quem sente os pés fincados na terra, que todos eles e cada um era o nosso IRMÃO,

(Conclui na 2.ª Pág.)



A Juventude Agrária, Estudantil, Operária Católica de Antas, na construção do futuro...

Os treze sectores de actividade da JAEOCA (leia-se jaióca) com todos os defeitos que possam ter, são pistas de formação para a juventude. Alguém dizia: os movimentos da juventude são os alto-falantes de Deus colocados no meia da massa jovem. É impressionante notar o crescimento e adesão que os jovens da nossa terra deram à JAEOCA. Esta constelação jovem, como que abanando

as estruturas da paróquia, lançou-se numa movimentação «medonha». É culinária, costura, enfermagem, recreio, educação física, liturgia... eu sei lá, só visto!

A vida da JAEOCA, não é transitória, efêmera ou superficial; fogo da palha ou sensacional. A vida da JAEOCA é a Resposta Generosa, própria de quem procura, coi-

(Conclui na 2.ª Pág.)

«Voz de Antas» fazendo-se eco das equipas redactoriais, da Tribuna do Ausente, do Estrado-Juventude e Vida, formula um voto de BOAS FESTAS aos Emigrantes, à JAEOCA e a todo o público leitor, na Alegria de Cristo Ressuscitado

Do Deserto ao Jardim!

(Conclusão da 1.ª pág.)

ma em seguir esses caminhos desertos sem paz, sem esperança, nem amor.

Neste deserto, encontra-se o homem... Há guerra, fome, desemprego, injustiça, opressão e morte; há exilados, torturados, presos e condenados; o homem sofre e não sabe a razão do seu sofrimento, acabando por mal-dizer a sua sorte e por se entregar a todos os desvarios. A terra parece um inferno: os homens não se entendem e não procuram entender-se, tendo mesmo apostado em se assassinar mutuamente até que o último possa ficar a dominar os que assassinou!

A par desta cena dramática dos homens, há outra cena: a obra divina. Deus chama repetidas vezes o homem, indicando-lhe o caminho de regresso do Jardim perdido (Recorde-se a palavra divina dirigida a Noé, a Abraão, a Moisés, aos Profetas, etc). O Homem escutava esse apelo mas não se decidia a voltar. Porquê? Nem o próprio homem sabe, porque no fundo quer regressar à amizade divina, mas não vive as suas exigências, preferindo os caminhos desérticos dos homens. E... Deus, vendo inúteis os seus apelos, decide-se a dar tudo por tudo, dizendo: «Impossível é que o homem, minha imagem e semelhança, acabe assim os seus dias!» (E dá-se a história mais maravilhosa que alguém pode imaginar um dia!).

Deus deixa o seu Jardim, para entrar no deserto frio e insuportável dos homens. Vem decidido a levá-los consigo para o Jardim, custe o que custar. E o que havia de suceder?! Deus percorre esse deserto, e — coisa curiosa! — encontra no meio dele uma árvore sem folhas, tendo apenas o tronco e dois braços (a cruz). É a árvore do poder do homem, pois é nela que escraviza e mata seu irmão, crendo afirmar deste modo o seu domínio sobre ele. [Então o homem previne o seu Deus de que

A Juventude Agrária Estudantil, Operária Católica de Antas

(Conclusão da 1.ª Pág.)

sas melhores para si e para os outros.

Destacamos: Sector de Enfermagem — Em pleno funcionamento com 4 grupos. 1.º com 34 elementos sendo responsável — Amélia Cardante da Cunha; 2.º com 36 elementos sendo responsável — Maria Helena Azevedo Torres; 3.º com 38 elementos sendo responsável — Lucília Rolo Torres; 4.º com 32 elementos sendo responsável — Maria Cândida Cepa Azevedo.

Reunem das 21 h. às 23, às terças e sextas feiras.

Programa: primeiros socorros e materno-infantil.

não deve tocar naquela árvore, não deve escolher esse caminho (Mt. 16, 22-23), sob pena de O aniquilar e destruir].

Que fazer? Deus, por momentos, ficou indeciso (recorde-se a agonia no Horto), mas dispõe-se a ir até ao fim, na esperança de que o homem volte. Mas voltará? Deus arrisca tudo e acabou por estender a sua mão para colher o fruto dessa árvore. Então o homem «desforra-se» de Deus, exercendo sobre Ele todo o poder infernal: prega-O a essa árvore até Lhe tirar a vida.

O Homem canta vitória! Venceu a Deus, já ninguém poderá limitar o seu poder é «feliz» finalmente...

Porém — é a ironia da História Divina! — o homem vai finalmente enterrar os despojos divinos num JARDIM (Recorde-se que o Sepulcro de Jesus estava num jardim) e assim acompanha Deus ao seu lugar divino. O homem já não esquecerá mais o jardim. Esta visita acordou nele a nostalgia do Paraíso perdido. O homem já não consegue descansar e, nos momentos de repouso, sonha com o Jardim. Sente-se agora mais vazio e desiludido que nunca. O 3.º dia já não terminará, mais, pois temos uma procissão contínua de homens insatisfeitos que buscam Deus, no Seu jardim. Querem-no e não O largarão mais. Vão ali chorar o seu crime: querem «um» sentido novo para viver...

É então que o homem descobre o mais maravilhoso a seus olhos: O jardim não parece o mesmo. Que se passou? Ao chegar ali encontra Deus vivo, encontra um jardim divino, um jardim que nesse dia se estendeu sobre toda a terra. Há luz, há flores, há vida! E, como no primeiro jardim, o homem ouve finalmente a chamada divina: ouve o seu nome na intimidade do Jardim florido (Recorde-se a Aparição a Madalena: Jo. 20, 16).

Irmão! Meu querido irmão! Tenho a alma a cantar e sinto-me no meio de uma história maravilhosa e quis contar-t'a. Meu irmão, eu sei que tu acreditas nisto: achas que é possível o nosso Deus interessar-se por ti e por mim até este ponto? Achas que é possível? Por favor, diz-me que sim. Não me venhas convencer que tudo isso foi um pesadelo que eu tive na noite da minha vida, porque eu vi a LUZ divina e agarrei-me a ela. Meu irmão, isto parece impossível, mas eu tenho a certeza absoluta de que é verdade: Deus RESSUSCITOU e não mais me largará. Meu irmão de Antas, onde quer que estejas, ou qualquer que seja o teu estado, ouve o grito mais belo da História:

ALELUIA! O SENHOR RESSUSCITOU VERDADEIRAMENTE, ALELUIA!

Na tua vida e na minha, vai realizar-se neste ano esta história, se quisermos. Em ti, Deus cantará vitória, ou melhor, tu cantarás vitória em ti! Deus ressuscitará em ti. Nunca te falte a coragem e a fé, para caminhares para a Páscoa, na certeza de que cada hora da vida é um passo em frente para o JARDIM DIVINO.

Vive a Páscoa/77!

F. C.

Há um ano registámos...

No dia 28 de Março/76, na tomada de posse do actual pároco, quando este se dirigia em procissão com outros concelebrantes, do centro paroquial para a igreja, ouviu-se o comentário: «Este novo, magro, cabelo comprido, bem, pára cá pouco tempo». Registamos este comentário «humorístico» e fazemos votos para que esse profeta seja «falso».

«Pobre de vergonha»

Na primeira semana de paroquialidade, bate à porta da residência paroquial, uma velhinha embrulhada num xale: — «Senhor Reitor, sou muito pobrinha, e queria matar a fome».

— Bem, dê-me o seu nome, que o seu caso será estudado no Conferência Vicentina.

— Então, senhor cá, logo! E ainda hoje, se aguarda a visita desta pobre «de vergonha» para lhe atijar a fome de juízo.

«Ter ilusões»

Após os primeiros contactos com a camaradagem do folclore revolucionário, foi dito ao pároco, desabafo confidencialíssimo: «temos pena, mas o senhor padre não é progressista».

Resposta pronta: — por causa da vossa doutrina oportunisticamente progressista é que Portugal está na ruína. Quem vos vale são os pai-zinhos «fascistas» e ficai sabendo: — quando a «vaquinha» de pele vermelha deixar de dar «leite» os «vitelinhos» morrerão à míngua.

Se nos permitem...

(Conclusão da 1.ª Pág.)

mudo e quedo ficou o amigo de longa data.

E difícil foi fazê-lo compreender que os reveses da vida, apesar de duros mais não eram que achas para atear uma fogueira de Fé e Esperança há muito ardendo em nós.

E difícil foi fazê-lo compreender que o transe enorme e difícil por que passávamos, insignificante se tornava comparado com a jornada Heroica de CRISTO a caminho do Calvário.

Instantâneo!

Criticar é fácil

Vem a propósito da visita dos catequistas aos pais.

A nova pedagogia catequética exige um contacto permanente com ambiente familiar para mais fácil enquadramento no «mundo» da criança. E porque os pais têm direito a saber da catequese dos filhos e o grave dever de os educar, e assistir cristãmente, ao fim da sessão de catequese são distribuídas as folhas de pais. No entanto, após a visita a alguns ficamos com a impressão de que nos seus juízos não admitem a falibilidade dos catequistas e que, para ambos, as conclusões tiradas são definitivas. Foi pena, que «alguns»... orgulhosos da sua perspicácia se apressassem a emitir juízos, a formular opiniões, a afirmar coisas que não sabem e que a ignorância ou a imaginação lhes dita. E criticaram facilmente. Porque no «seu» tempo que é o de hoje..., se recusaram a pensar... agradecer o esforço dispendido pelos catequistas... e não tiveram a humildade suficiente para reconhecer até que ponto a nós «catequistas» é impossível abarcar toda uma REALIDADE e saber de facto tudo o que se esconde por trás duma atitude, de um gesto, de uma palavra, de um Encontro. E para nossa reflexão registamos alguns «tristes» flashes de uma visita a certos (...) pais:

— Não tenho tempo para ler as folhas de pais.

— Se voltas cá, levo-a p'ra Belinho ou Castelo do Neiva.

— Há marcação de faltas para as crianças. E para os catequistas não há?

— Tenho de fazer «o comer» e nem me lembro dessas folhas.

— Eu mando-os p'ra catequese. Se não vão, os catequistas que os venham buscar.

— O «meu» filho na escola é fino como um rato e na catequese não aprende...

— Se chove e adoecem, quem vai pagar?

— Eu mando-os. Se não vão... não sei. (Mas devia saber, retorquiu o catequista).

— Os filhos não têm interesse nas folhas, lança-nas p'a cima da cama.

— Andais a tirar alguma subscrição aos pais?

— D'antes é que se ensinava...

— Vou-vos acusar ao Senhor Reitor.

— Preferia ver o diabo ao Senhor Reitor e ao catequista.

— Meto-as na gaveta.

— Fazem mal à vista, e não lelo.

— Os catequistas vão tratar de namoro...

— No meu tempo é que era... agora...

— Não tem jeito levarem cadernos e tinta. Isso é só p'ra escola.

E outros flashes que tais... que nos abstemos de mencionar, por falta de espaço.

Apesar de tudo, estamos conscientes da importância da catequese para a vitalidade da comunidade paroquial. Vivemos empenhados e temos apoio e reconhecemos o cuidado e interesse de quase todos os pais na catequese e na educação cristã dos filhos. Toleramos. Compreendemos. Perdoamos. Estamos no caminho da Esperança na Catequese. Agimos por motivos sobrenaturais. Servimos a Causa da Igreja. E se os pais não concordam com a educação que fazemos, que a façam melhor, já que são os primeiros responsáveis com grave dever, nessa educação.

Assina: O amigo do Povo

Pequenas notícias

É interessante saber que...

— O P.e Dr. Adélio

Honrou «Voz de Antas» com a sua visita e promessa de colaboração para este jornal sobre a história de S. Paio de Antas, o castelo de Neiva e seu porto, e outros assuntos inéditos e de interesse para a terra. Entregou-nos alguns contos «para amenizar a paisagem». «Voz de Antas» através do seu Director agradeceu em nome da paróquia o incansável trabalho no levantamento da sua história e prestígio com que o jornal tem sido revestido com seus contos tão apreciados.

— O Manuel Neves Ferreira (Hotel Nélia)

Uma vez mais nos brindou com uma das suas dádivas. Apetrechou com 600 garrafas a Cave da Residência paroquial. A acrescentar à oferta da máquina de café «FAEMA» do Bar do Centro paroquial e nas facilidades prestadas para o funcionamento do mesmo, em nome da paróquia de S. Paio de Antas, a este seu filho ilustre, um agradecimento renovado.

— A JAEOCA

Através do sector cultural, lançará brevemente uma edição em postal ilustrado, para venda, da fotografia que vem nas páginas deste jornal com a legenda — ORAR pelos mortos.

— A ponte do «Grilo»

Foi derrubada parcialmente pelo impeto das águas deste Inverno tão fluviOSO como memória não há.

Numa curiosidade, que nos é própria, soubemos ter sido construída em madeira, acima do Açude (Levada). Posteriormente foi levantada em pedra por Joaquim Alves da Cruz (Joaquim da Vigária) e foi subida uns palmos pelos herdeiros, Cândido e Emílio.

Ao sabermos da notícia ficamos a pensar... que o peso e a quantidade de rolos de pinho arrastados para o cortejo, de que memória não houve, teriam dado boa ajuda a «ir ao fundo»...

— No Próximo Número

O símbolo da página: «TRIBUNA DO AUSENTE — Ecos do EMIGRANTE» será substituído pela alusão aos principais monumentos de França: Torre Eiffel, Arco do Triunfo e Notre-Dame de Paris. Esta mudança fundamenta-se, no expediente do correio de «Voz de Antas» ser enviado para cerca de trezentos emigrantes em França.

— Nova página

Irà ser dedicada à juventude, com o título: «JUVENTUDE E VIDA». Farà alusão aos encontros de formação religiosa e moral dos pré-adolescentes, adolescentes e jovens. Abordará outros temas do agrado e interesse

dos jovens, como droga, namoro, cristianismo e marxismo, pais-filhos; convívios rapazes-raparigas, casamento, política, etc., etc. Admite-se a hipótese, dada a vida e movimentação da paróquia, de o jornal no próximo ano sair com a tiragem de 16 páginas, no actual formato, em cada número.

— Em Belinho (freguesia)

Foram restauradas as capelas alusivas à Paixão. No dia 27, deu-se a inauguração, com o triplice sermão. No dia 3 de Abril, a Via-sacra, com participação do povo das 15 paróquias que compõem o arcebispo de Esposende. Bem haja um Povo do Senhor, como o desta comunidade, em marcha para Deus pelo caminho da Paixão do

(Conclui na 9.ª pág.)



Os pais têm o dever grave de pedir o Baptismo para os filhos. São os primeiros responsáveis pela educação cristã dos filhos, sendo ajudados ou substituídos, quando necessário, pelos padrinhos. «A família está no primeiro plano enquanto mãe e fonte da educação; nela, os filhos, rodeados de amor, descobrem mais facilmente a recta ordem das coisas». (Gaudium et Spes, n.º 61).

Em Fevereiro

Dia 20 — Fernando Alexandre Rolo Salgueiro, filho de Manuel Fagundes Salgueiro e Maria Alice Alves Itoio, moradores no lugar do S. Paio de Cima. Nasceu na paróquia de Monserrate, Viana do Castelo, aos 9 dias do mês de Fevereiro. Foram padrinhos: Fernando da Cruz Rolo e Eva Pires Marques.



Leia e divulgue «VOZ DE ANTAS», a nossa voz.
ASSINATURA ANUAL . . . 75\$00
ASSINATURA (Estrangeiro) 95\$00

Próxima equipa redactorial:
ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA
D. MARIA TEREZA CORREIA
D'OLIVEIRA
RUI



Casamentos

O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela acção salvadora da Igreja, para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos na sua missão sublime de pai e mãe. (Gaudium et Spes, n.º 48).

Realizou-se no dia 5 de Março, na igreja de Antas, São Paio, o casamento dos noivos Jorge Pires Maciel Barbosa, médico, e Ana Maria Fonseca de Azevedo, estudante universitária; ambos residentes no Porto. Eles escolheram a igreja de Antas, São Paio por a família da noiva ser natural desta terra e por marcar ainda uma presença positiva na população. Com toda a consciência vive-

ram o início da sua aventura matrimonial, decididos a vivê-la segundo o Evangelho de Jesus. Jesus que não se impõe, mas que se oferece para nos conduzir, ao longo da vida, segundo os planos de Deus: dar a todos os homens participação na Salvação operada pela Seu Filho e abrir para todas as portas para a verdadeira felicidade.

Os noivos uniram-se rodea-

dos pelos seus familiares e amigos durante a celebração eucarística que teve um esplendor especial pela aclamação extraordinária do coro da paróquia.

Aos recém-casados desejamos uma vida feliz em que constroem em si o Amor de Deus e desejamo-lhes que sejam testemunhas deste Amor ao longo da sua vivência matrimonial.

Pensão Social para a 3.ª idade

As pessoas com mais de 65 anos, que ainda não recebam pensão segundo o esquema da Previdência, e se encontrem em estado de invalidez e necessitadas, devem requerer essa pensão a partir de 1 de Fevereiro, até 30 de Abril.

Deverão apresentar uma certidão de Nascimento (nar-

rativa simples) e um atestado da Junta de freguesia que comprove a natureza e o quantitativo dos seus rendimentos.

Há, na freguesia, pessoas que não conseguiram a pensão da Casa do Povo, por falta de condições. Chame-lhes a atenção e ajude-as a conseguirem os 2 documentos indicados acima, e envie-os para:

Caixa Nacional de Pensões
Campo Grande, 6
LISBOA

Gazetilha Desportiva

A JAEOCA — Sector desportivo, no dia 20 de Fevereiro p. p., num desafio amigável, com o «lugar do Souto», Forjães, deu início a suas actividades.

Ao fim do encontro o resultado: JAEOCA — sector desportivo 1 — Souto 2. Goleou o M. Baeta.

No dia 27 jogou com «Amorosa» no estádio Correia d'Oliveira, sito no lugar de Guilheta, obtendo o empate de 1-1. Goleou Mário Barros.

Em 6 de Março jogou novamente com o «Amorosa» no campo de Castelo de Neiva. Ao fim de noventa minutos de jogo, soubemos perder.

Por que não somos «crques» de profissão, contentamo-nos com o amadorismo. E somos muitos.

Não há dúvida, está certo, a rapaziada quer jogar como actividade livre e recreativa. Seja naquele grupo com bola «vermelha» seja neste com equipamento azul ou verde. Aqui frisamos o extraordinário exemplo da rapaziada (malta fixe) da JAEOCA — sector desportivo, após a Santa Missa de domingo ou dias de preceito é que se dirige para o futebol. Respeita as horas marcadas para as cerimónias religiosas na Igreja paroquial, o que nem sempre se verifica com certos (...) camaradas.

Nas horas livres o pároco, amante do desporto, treina pela JAEOCA — sector desportivo. A nossa educação no desporto mostrar-se-á na camaradagem e silenciamento do «palavrão». Através do desporto buscamos o lema das Olimpíadas gregas: «Mens sana in corpore sano».

Baptizados

Em Março

Dia 6 — Maria Cristina Simões Magalhães, filha de Adão Dionísio Magalhães e de Maria Odet Fonseca Simões, moradores no lugar do Monte. Nasceu no dia 30 de Dezembro de 1976, nesta paróquia. Foram padrinhos: António Fernando Cardante

Patrão e Maria Alice Fonseca Simões.

Dia 8 — Carla Alexandra Torres Morgado, em perigo de vida, no hospital de Fão, filha de Laurentino da Costa Morgado e Amélia Vieira Torres Morgado, moradores no lugar do Monte.



Para a casa do Pai:

Em Fevereiro

Dia 18 — Deolinda Alves Neiva, com 43 anos de idade, no hospital de Torres Vedras. Filha legítima de Domingos da Costa Neiva e de Laura Alves da Cruz.

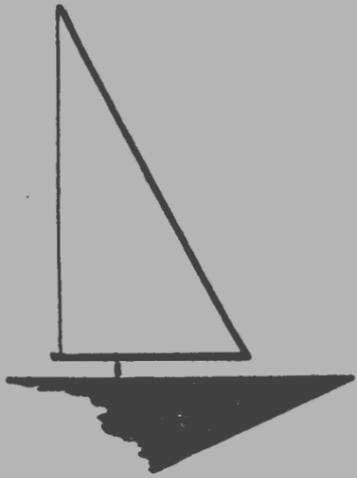
Dia 24 — Albina Cerqueira, com 81 anos de idade, no lugar da Estrada. Filha de João Ribeiro da Costa e de Joana Cerqueira.

Em Março

Dia 9 — Carla Alexandra Torres Morgado, com um dia de idade, no hospital de Fão. Filha de Laurentino da Costa Morgado e de Amélia Vieira Torres.

Dia 27 — José Pereira «Lícus», com 62 anos de idade, em Lille, Nord, França. Filho de Maria Pereira, natural de Guilheta (Antas).

À SOMBRA DA CRUZ



Tribuna do ausente

ECOS DO EMIGRANTE

Jargeau, 8-3-1977

Sr. Director da Voz de Antas

Sempre com ansiedade esperamos o nosso jornal. Acabamos de ler o último número e ficamos logo a contar os dias que faltam para a chegada de outro.

Será para nós sempre o amigo desejado que informa, educa e diverte. No momento em que escrevemos estas linhas ainda não recebemos o número de Março, mas estamos já a vê-lo sempre renovado. Está de parabéns o seu ilustre Director bem como as equipas encarregadas de o preparar.

Que nunca vos falte coragem para continuar. Apoio, estamos certos, também não falta. Nós emigrantes precisamos dele. Precisamos de qualquer coisa que nos alente nesta vida de Judeu errante. Temos necessidade do vosso auxílio, dos vossos ensinamentos e da vossa amizade.

Mais uma vez estamos unidos por meio da Voz de Antas com os nossos conterrâneos espalhados pelos quatro cantos da terra.

P'la equipa de Jargeau S. Diniz-D L'Hotel Darvoy e Sullias — Isabel Sampaio.

Notícias em síntese

As associações dos portugueses de Jargeau e S. Benoit estão a estudar a maneira de organizar uma sociedade que queira unir-se com a sua cota, para angariar fundos suficientes com o fim de custear as despesas da traslação para Portugal dos corpos das pessoas que falecerem cá, e cujas famílias desejem a traslação para a terra natal. Com esta iniciativa evitar-se-iam os peditórios que costumam fazer-se quando há casos destes.

Esperamos no próximo número esclarecer como ficou organizada.

A exemplo dos anos anteriores, reuniram-se em festa amigável no dia 15 de Janeiro p. p. todos os emigrantes destas redondezas. Portugueses, Espanhóis, Marroquinos, Argelinos, etc., etc.

O encontro realizou-se na sala da Associação de Jargeau. Houve troca de impressões, fizeram-se conhecimentos e novas amizades. Distri-

buíram-se brinquedos aos mais pequeninos, merenda e música, muita música de cada um destes países presentes. Racismo?... Alguém o viu por aí?

Sabia que...

Em França o mês de Março é dedicado à Emigração?

Que de 1 a 6 decorreu em Orleans a Semana de Portugal, que constou de exposições de filmes, documentários, recital de canções por Francisco Fanhais e o Rancho Folclórico das Lavradeiras da Meadela. Este último actuou também no sábado dia 5 na sala de festas em S. Benoit.

Que por altura das festas do Natal esteve em exposição numa igreja de Paris o Presépio Português, da autoria de Manuel Madeira.

Que há dias num programa da Rádio Televisão Francesa foi lançado um jogo-concurso. Depois de apresentar algumas imagens os concorrentes teriam de descobrir o nome de um país, o nome de uma província do mesmo, uma romaria e o nome de uma canção. O resultado saíu daí a 15 dias e a decifração era: País — Portugal
Província — Minho
Romaria — Senhora da Agonia em Viana do Castelo
Nome da canção — Vira de Santa Marta.

De vez em quando não falta quem nos ajude a matar saudades.

A equipa

Corbeil, 21-2-77

Amigo P.e Brito

Cá tenho recebido o jornal «Voz de Antas» e fico contente em ver a freguesia em progresso. Espero que tudo o que está programado seja cumprido, pois todos nós o desejamos.

Com sinceridade receba cumprimentos, Carlos.

Neivy, 19-2-77

Prezado amigo, Sr. Reitor

Que esta o encontro satisfeito juntamente com toda essa malta do Upa p'ra Cima. Cumprimentos de toda esta rapaziada. Ficamos encantados com o seu gesto e jeito. Esperamos que chegue de-

pressa o mês de Junho e faça bom tempo para se organizar o que está previsto. Não pense arranjar desculpas para não vir, na altura.

Com votos de «Upa sempre p'ra cima», ao dispor, Albino.

Registamos...

— A divagação poética do Armando:

*Primorosa «Voz de Antas»
Caíste já estás erguida
De beleza até encantas
Os passos da nossa vida.*

*Ó voz dos nosso carinhos
E da palavra mais certa
Tu até pões os vizinhos
A olhar de boca aberta.*

— A devolução do jornal dos seguintes nomes com o carimbo «n'habite pas à l'adresse indiquée; Retour à l'envoyeur»:

- Maria Manuela Laranjeira;
- Maria Alice da Costa Cardante;
- Maria Gonçalves Crespo;
- Silva Maria;

Lemos e não comentamos...

As contradições dos marxistas

A deputada comunista francesa Giselle Moreau propõe no parlamento de Paris que a alta costura francesa seja preservada e desenvolvida.

Como se vê, a evolução dos ideais marxistas já chegou à defesa duma indústria caracterizadamente capitalista. Compreende-se: os luxos que antigamente eram criminosos nas mulheres dos capitalistas que exploravam o povo, deixam amanhã de ser condenáveis nas mulheres dos altos dirigentes das empresas nacionalizadas e do Estado. A quem será que estes exploram?

Cá e lá

A deputada francesa que defende os direitos da alta costura do seu país (queremos dizer: do país onde actua) diz que o número de costureiras, depois da guerra, desceu de 2.000 para 1.200, das quais as mais classificadas têm que viver com

um salário mensal de 2.300 francos.

O presidente da associação das costureiras veio esclarecer que era de 2.000 o número actual das costureiras e que os salários eram dez vezes superiores ao quantitativo apontado pela deputada.

Cá e lá — comunistas mentirosos há.

Em data passada, doze emigrantes que se dizem representar mais de dois mil espalhados pelo departamento 59 (Lille), no norte de França, enviaram uma carta pré-aviso, ao Governo Português, do que transcrevemos alguns excertos:

Não estamos satisfeitos com essas politiquices

«...Foi com júbilo que através dos transistores, que sempre ligamos nas horas disponíveis para sabermos notícias do nosso País, que um frémito de esperança raiou nos nossos corações, com a gloriosa arrancada dos militares, nessa inesquecível madrugada do 25 de Abril de 1974.

...Já fazíamos as nossas contas, projectávamos fazer a nossa cozinha, ir habitar na nossa aldeia. Mas os nossos sonhos, que de sonhos não passavam, esfumaram-se. E que, após quase três anos de «Revolução dos Cravos», Portugal está mais doente que no tempo do fascismo: são greves estúpidas; saneamentos a torto e a direito; comícios e mais comícios dos partidos; plenários e mais plenários; moções e mais moções; e o que é mais grave, o caminho aberto para a bancarrota e para o descrédito internacional.

Não estamos, nem podemos estar satisfeitos com essas politiquices que a nada conduzem, a não ser ao caos e anarquia. E não é preciso ser muito inteligente, basta apenas ser emigrante, com a rudimentar 4.ª classe da instrução primária para se aquilatar do tempo gonçalvista e seus acólitos comunistas, em que as ocupações selvagens se sucediam umas às outras (isto não é para nos referirmos ao Alentejo).

Consideramo-nos portugueses e não párias; não é só pedir as nossas economias para os bancos portugueses, é preciso defender os direitos

dos emigrantes que fugiram a uma ditadura fascista, mas que hoje temem mais uma ditadura comunista. Estamos fartos de sanguessugas e vampiros, que avidamente esperam pelas divisas enviadas pelos emigrantes. Serão esses ocupadores de casas (para não lhes chamar outro nome) que arrombam portas e forçam janelas, como cães rafeiros, que constroem o Portugal que todos desejamos, ou o português emigrado, que nunca se esqueceu do seu torrão natal?

Necessário e urgente se torna tomar providências, para que haja civismo e uma verdadeira democracia, e não uma fantochada. Sabemos perfeitamente, que num país democrático e livre, todos os partidos são legais, mas também não olvidamos que 85 por cento dos emigrantes detestam o comunismo. E que ainda temos bem visíveis as marcas de atravessar os Pirinéus, já sem sapatos, e com os fatos rotos, para procurarmos melhores condições de vida, que a mãe-pátria não nos proporcionava; fugimos a uma ditadura, e não queremos, de maneira alguma, enterrarmo-nos numa ditadura comunista, mil vezes mais funesta.

«Volvido um ano, é voz generalizada que se em Portugal não houver ordem, paz, não se acabarem com expropriações selvagens, e não se defender a propriedade privada, muitos portugueses, em Agosto, levantarão o seu dinheiro depositado em Portugal e trá-lo-ão para França. Urge, pois, salvar a seara, separar o trigo do joio, como muito bem disse Ramalho Eanes, defender o emigrante, que o mesmo é dizer defender o povo trabalhador português...».

Ressonância da nossa voz...

O Concílio Vat. II ao referir-se ao fenómeno migratório diz:

«Atenda-se com especial solicitude àqueles fiéis que, pelas suas condições de vida, não podem beneficiar suficientemente do ministério pastoral ordinário dos párocos, ou se vêem dele comple-

(Conclui na 10.ª pág.)

FELIZES OS QUE DORMEM NO SENHOR PORQUE DESCANSAM DOS SEUS TRABALHOS!

«Aconteceu também que, tendo sido presos sete irmãos com sua mãe, o rei (Antíoco) os queria obrigar a comer carne de porco contra a lei, atormentando-os para isso com açoites que lhes davam com azorragues e nervos de bois. Um deles, em nome de todos, falou assim: que pretendes, que queres saber de nós? Estamos prontos antes a morrer que a violar as leis de nossos pais. O rei irritado, mandou pôr ao lume frigideiras e caldeirões (...). Entretanto a mãe deles, sobremaneira admirável e digna de memória, vendo morrer os seus sete filhos num só dia, suportou heróicamente a sua morte pela esperança que tinha no Senhor. Cheia de nobres sentimentos, exortava na língua de seus pais a cada um deles em particular, dando firmeza com ânimo varonil à sua ternura de mulher. Dizia-lhes: não sei como fostes formados no meu ventre; não fui eu que vos dei o espírito e a vida ou que formei os membros do vosso corpo. O criador do mundo, que formou o homem no seu nascimento e deu a origem a todas as coisas, vos tornará a dar o espírito e a vida, por sua misericórdia, em recompensa do quanto agora desprezais a vós mesmos por amor das suas leis. Ora, Antíoco, considerando-se desprezado e julgando que aquelas palavras eram um insulto para ele, como faltasse ainda o mais novo, não somente o exortava mas ainda lhe assegurava com juramento que o faria rico e ditoso, que o teria na classe dos seus amigos e lhe confiaria altos cargos se abandonasse as leis dos seus pais. Como o jovem de nenhum modo consentisse em tais coisas, o rei chamou a sua mãe e aconselhou-a a que fizesse àquele jovem recomendações para salvar a vida. Depois de a ter exortado com muitas razões, ela lhe prometeu que procuraria persuadir seu filho. Tendo-se, pois, inclinado para lhe falar, zombando deste cruel tirano, disse-lhe na língua pátria: Meu filho, tem compaixão de mim, que te trouxe nove meses no meu ventre, que te amamentei durante três anos, que te nutri e eduquei até esta idade. Suplico-te, meu filho, que olhes para o céu e para a terra, e para todas as coisas que há neles, e que penses bem que Deus as criou do nada, assim como a todos os homens. Não temas este algoz, mas sê digno de teus irmãos, aceita a morte, para que eu te encontre com eles no dia da misericórdia» (2 Mac. 7, 1-29).

Na Igreja da nossa Comunidade Paroquial recordamos com saudade e devoção aqueles nossos irmãos a quem Ele já convidou a passarem à outra margem, para descansar dos seus trabalhos — ano 77. (Cont.)

MAIO

Domingo, 1 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Trabalhadores e contribuintes das obras paroquiais; 3.ª Manuel Alves de Azevedo e Engrácia.
Segunda, 2 — Almas do Purgatório.
Terça, 3 — Manuel Lourenço Agra e esposa.
Quarta, 4 — Rosa Pereira da Cruz.
Quinta, 5 — Confraria do SS.mo Sacramento.
Sexta, 6 — Apostolado da Oração.
Sábado, 7 — Manuel Gonçalves de Azevedo.
Domingo, 8 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Domingos Gonçalves Neiva; 3.ª Cândido Fernandes de Sá.
Segunda, 9 — Almas do Purgatório.
Terça, 10 — Maria Vaz de Almeida Torres.
Quarta, 11 — Idalina Gomes Cachada.
Quinta, 12 — Amélia Pires Laranjeira e marido.
Sexta, 13 — Rosa Maciel.
Sábado, 14 — Maria Vaz de Almeida.
Domingo, 15 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Albina Dias Pereira; 3.ª Angelina Rodrigues Meira.

Segunda, 16 — Almas do Purgatório.
Terça, 17 — José Afonso Sampaio e esposa.
Quarta, 18 — Palmira Lourenço Faria.
Quinta, 19 — Augusto da Costa Pereira da Silva.
Sexta, 20 —
Sábado, 21 — José Pereira de Barros Alvélos e António Gomes Narciso — 1.º aniversário.
Domingo, 22 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Senhor Carvalho; 3.ª Rosa Gonçalves Pereira Cancela.
Segunda, 23 — Almas do Purgatório.
Terça, 24 — Maria Pires.
Quarta, 25 — Maria Gonçalves Caramalho e marido.
Quinta, 26 — Manuel Rodrigues da Costa.
Sexta, 27 — Maria Pires Vieira.
Sábado, 28 — Manuel Martins da Costa e esposa.
Domingo, 29 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Zaida Moreira de Abreu; 3.ª Rosa Gonçalves Manso e marido.
Segunda, 30 — Almas do Purgatório.
Terça, 31 — José Moreira de Faria.

Junho

Quarta, 1 — Rosa Gomes de Matos e Joel.
Quinta, 2 — Confraria do SS.mo Sacramento.
Sexta, 3 — Apostolado da Oração.
Sábado, 4 — Maria Alves da Cruz Viana e marido.
Domingo, 5 — 1.ª Intenções



Orar pelos mortos...

dos paroquianos; 2.ª Teresa Rodrigues Meira e marido; 3.ª José da Silva Meira.
Segunda, 6 — Almas do Purgatório.
Terça, 7 — José Rodrigues Lapeiro.
Quarta, 8 — Maria Gonçalves Caramalho e marido.
Quinta, 9 — 1.ª Ana Rodrigues Meira Rolo; 2.ª António Alves de Azevedo Júnior; 3.ª Manuel Pereira de Barros.
Sexta, 10 — José da Silva Poças.
Sábado, 11 — Júlia Martins Rigor.
Domingo, 12 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Justina Gonçalves Ribeiro; 3.ª Rosa Pires Laranjeira.
Segunda, 13 — Almas do Purgatório.
Terça, 14 — José Alves de Azevedo Lameiro e Maria de Jesus Fernandes — 1.º aniversário.
Quarta, 15 — Rosa Vigária e marido.
Quinta, 16 — Olinda Rodrigues da Costa.
Sexta, 17 — David Gonçalves Rolo.
Sábado, 18 — Manuel Moreira de Faria.
Domingo, 19 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Carolina Queirós dos Santos; 3.ª Albino Fernandes de Sá.
Segunda, 20 — Almas do Purgatório.
Terça, 21 — Vasco Dias da Cunha.
Quarta, 22 — Deolinda Rodrigues e marido; José Alves Rolo Agra — 1.º aniversário.
Quinta, 23 — Maria da Costa Meira e irmã.
Sexta, 24 — Manuel Lourenço de Faria e esposa.
Sábado, 25 — Maria Rosa da Silva Meira.
Domingo, 26 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Maria Gonçalves da Costa 3.ª Ermelinda Ferreira Maia.

Segunda, 27 — Almas do Purgatório.
Terça, 28 — Maria Rodrigues da Costa da Peneirada.
Quarta, 29 — Liberata da Silva Costa e marido.
Quinta, 30 — Manuel Rodrigues e esposa.

Julho

Sexta, 1 — Apostolado da Oração.
Sábado, 2 — Alzira Ferreira de Barros.
Domingo, 3 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Domingos Alves de Azevedo Cidade; 3.ª Maria Rodrigues de Almeida.
Segunda, 4 — Almas do Purgatório.
Terça, 5 — António Alves da Cruz.
Quarta, 6 — Cipriano Martins Ledo.
Quinta, 7 — Confraria do SS.mo Sacramento.
Sexta, 8 — Domingos Pereira de Barros.
Sábado, 9 — José Martins da Costa.
Domingo, 10 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Laurentino Gonçalves de Azevedo; 3.ª Miguel Faria e esposa.
Segunda, 11 — Almas do Purgatório.
Terça, 12 — Arminda da Costa Cruz.
Quarta, 13 — Manuel Fernandes Gomes e esposa.
Quinta, 14 — António Alves Rolo e esposa.
Sexta, 15 — Manuel da Costa Cruz.
Sábado, 16 — António Crespo e esposa.
Domingo, 17 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Rosalina Fernandes Pereira e irmão; 3.ª Manuel Gonçalves Cardante.
Segunda, 18 — Almas do Purgatório.

Terça, 19 — Emília da Costa Meira.
Quarta, 20 — Cecília Lourenço Faria.
Quinta, 21 — Daniel Martins Penteado.
Sexta, 22 — Maria da Conceição Moreira de Faria.
Sábado, 23 — Daniel Martins Penteado.
Domingo, 24 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª P.e António Dias Ferreira; 3.ª Manuel e António Rodrigues Sampaio.
Segunda, 25 — Almas do Purgatório.
Terça, 26 — Engrácia Alves de Carvalho.
Quarta, 27 — António Rodrigues Viana e esposa.
Quinta, 28 — Ana Lourenço de Faria e marido.
Sexta, 29 — Albino Alves da Cruz.
Sábado, 30 — Maria Gonçalves Pereira Cancela.
Domingo, 31 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Cândida Ferreira; 3.ª Manuel Fernandes de Sá e esposa.

Agosto

Segunda, 1 — Almas do Purgatório.
Terça, 2 — Francisco José Poças e esposa.
Quarta, 3 — Adélio Gomes de Matos.
Quinta, 4 — Confraria do SS.mo Sacramento.
Sexta, 5 — Apostolado da Oração.
Sábado, 6 — Luís Eiras de Meira Torres.
Domingo, 7 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Festa da Senhora das Vitórias; 3.ª David Gonçalves Cardante.
Segunda, 8 — Almas do Purgatório.
Terça, 9 — Rosa Gonçalves Pereira.

(Conclui na 8.ª Pág.)

A Paróquia em movimento

PARA A LIMPEZA, EMBELEZAMENTOS, E ASSEIO DE UM MOVIMENTADO – O CENTRO PAROQUIAL

Entre os que criticam e destroem, emparedados em seu egoísmo individualista, SOMOS ALGUÉM QUE SERVE, que participa, lembrados do exemplo supremo do Mestre:

“não para ser servido, mas vim para servir”.

1.º TURNO

Maria Celeste Ribeiro dos Santos
Maria Isabel Sampaio de Faria
Manuela da Costa Torres Neiva
Maria Isabel de Azevedo Sampaio
Teresa Teixeira de Carvalho

2.º TURNO

Adília Viana Laranjeira
Maria Irene Meira da Cruz
Utilia Neiva Meira da Cruz
Cândida Sampaio Faria
Maria Augusta Laranjeira Afonso

3.º TURNO

Maria Helena da Cunha Laranjeira
Maria da Cruz Torre
Maria Zulmira da Costa Torres Neiva
Rosa Rodrigues Moreira

4.º TURNO

Maria Vitória da Cunha Laranjeira
Maria Lúcia da Cunha Neiva
Maria Matilde da Cunha Neiva
Maria Palmira Dias Torres Neiva
Maria Lucília Rolo Torres
Maria Leontina Ferreira Rolo

5.º TURNO

Inestina Alves Laranjeira
Maria Teresa da Costa Araújo
Maria Alice Fonseca Simões
Lúcia de Barros Vieira
Fernanda Vieira Laranjeira

6.º TURNO

Leontina Neiva
Lurdes Meira da Cruz
Ana Maria Viana
Celina da Costa Azevedo
Maria Acilda Sá Crespo

7.º TURNO

Maria Rodrigues Dias
Vitória Laranjeira
Amélia Lourenço de Faria
Joaquina Ferreira
Justina Viana da Cunha

8.º TURNO

Maria Amélia Vieira Rolo
Maria de Lurdes Pedreira Rodrigues
Maria Adelaide Caramalho Moreira
Adelaide Caseiro Baeta
Cândida Lapeiro de Sá

9.º TURNO

Maria Cândida da Cruz Rolo
Maria Albina Faria da Cruz
Maria Lúcia Sampaio de Azevedo
Maria da Conceição F. da Silva
Maria Jacinta Sampaio de Azevedo

10.º TURNO

Virginia Maria Torres Caramalho
Maria Lucília Rolo da Costa
Maria Manuela Torres Rolo
Virginia Maltez Torres
Maria Torres Pereira

11.º TURNO

Maria Sampaio Viana
Cândida Lima Viana
Maria Amélia Lima Rolo
Maria Cândida da Cruz Gomes
Maria Augusta Pereira Neiva

12.º TURNO

Maria Filomena Pires Viana
Maria Olívia Patrão de Azevedo
Amélia Costa Matos
Acilda Azevedo e Sá
Irene Azevedo e Sá

13.º TURNO

Maria de Fátima F. Faria Vinha
Margarida Maria F. Faria Vinha
Carolina Pereira Neiva
Maria Manuela Viana
Maria Leticia Pires de Sá

14.º TURNO

Belmira Queiróz Gonçalves
Engrácia Carvalho Caseiro
Olinda Laranjeira Gomes
Augusta Carvalho Caseiro
Adelaide Rolo Laranjeira

15.º TURNO

Rosa da Cruz Costa
Maria Virginia de Barros
Maria da Conceição F. da G. Neiva
Beatriz Margarida de Sá Barros
Maria Manuela Faria Viana

16.º TURNO

Gracinda Alves Moreira
Maria dos Anjos Maia Laranjeira
Cândida Rodrigues Lapeiro
Rosária Rodrigues Meira
Maria Lúcia da Torre Rolo

17.º TURNO

Amélia Rodrigues Meira Laranjeira
Otilia Neiva Meira da Cruz
Maria Fernanda Neiva Meira da Cruz
Maria Augusta Viana Sampaio
Maria Manuela Viana Sampaio

18.º TURNO

Maria Rolo Sampaio
Irene Viana Rolo
Elisabett Meira Torres
Rosa Maria Neiva
Cândida Rolo Laranjeira

19.º TURNO

Marinha Pires de Barros
Rosa Martins
Conceição Vitorino
Maria de Jesus Vitorino
Amélia Viana

20.º TURNO

Maria Ermelinda Ferreira Ledo
Maria Alice Ferreira da Silva
Maria Augusta Ferreira Saleiro
Maria Ismênia Viana Meira
Lúcia da Cunha

21.º TURNO

Maria Vitória Gonçalves Ferreira
Maria Irene Ferreira
Otilia Ferreira Caseiro
Maria Filomena de Jesus Vilarinho
Maria Amélia Azevedo Torres

22.º TURNO

Maria Esmênia Viana Torres
Cândida Meira Laranjeira
Maria Augusta Faria da Costa
Maria da Graça Gonçalves Ferreira
Maria Fernanda Cunha de Abreu

23.º TURNO

Maria Isabel Azevedo Torres
Maria Dulce Ferreira Vaz Saleiro
Maria de Lurdes Pereira da Cunha
Irene Ferreira Caseiro
Maria Noémia Pereira da Cunha

24.º TURNO

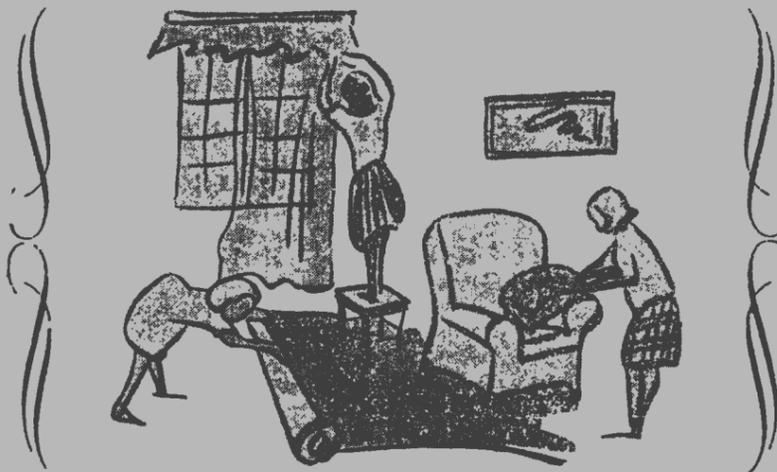
Maria Helena Azevedo Torres
Amélia Laranjeira Gomes
Maria de Lurdes Meira de Abreu
Maria Irene Laranjeira Cachada
Maria Leontina Silva da Cunha

25.º TURNO

Lúcia de Jesus Faria Viana
Fernanda Sousa Martins
Palmira da Costa Araújo
Maria Odett Fonseca Simões
Albina Gonçalves Crespo

26.º TURNO

Rosa Martins Penteadó
Valentina Meira de Brito
Maria de Lurdes Rodrigues Meira
Maria Fernanda Martins Rei
Maria da Graça Gonçalves da Silva



“VOZ D

mento

M EDIFICIO

S
E
R
V
I
E
V
I
C
O
S
E
R
V
I
R
É
A
L
E
G
R
I
A
!!!

35.º TURNO

Maria Conceição Viana
Amélia da Cruz Rolo
Prazeres G. Ribeiro
Maria Rolo Azevedo
Cecília Faria Viana

36.º TURNO

Elvira Pires Laranjeira
Amélia Vaz Saleiro
Amélia Pereira Rodrigues
Maria Jacinta Viana da Cruz
Rosa Soutelo

37.º TURNO

Isabel de Jesus Graça Barros
Lúcia Barros
Angélica Neiva e Sá
Adília Neiva
Cândida da Cunha

38.º TURNO

Maria Gorett Meira Cardante
Irene Afonso Torres
Gracinda Afonso Torres Rolo
Deolinda Maria Neves Caramalho
Maria Gomes de Matos

39.º TURNO

Carolina Queirós dos Santos
Amélia da Cruz Azevedo
Maria Alves Rolo Pôças
Isabel Faria da Cruz
Arminda da Costa Ferreira

40.º TURNO

Maria Amélia da Cruz Costa
Maria Augusta Laranjeira Afonso
Maria do Sameiro Sampaio da Cruz
Maria de Lurdes Alves Martins
Maria Amélia da Costa Barros

41.º TURNO

Amélia Vaz Saleiro
Maria Rodrigues Meira Barros
Maria Gonçalves Ribeiro
Carolina Torrinhos
Amélia Torres

42.º TURNO

Celina da Costa Azevedo
Marta Maria Sá Laranjeira
Maria Cândida Sá Crespo
Maria Isabel da Costa Azevedo Viana
Emília Azevedo da Cruz

43.º TURNO

Maria Irene Faria Sinaré
Maria das Dores da Cruz Viana
Maria Zulmira da Cruz Viana
Maria Teresa da Costa Cruz Neiva
Amélia Maria G. Ferreira da Cruz

44.º TURNO

Maria Alice da Cunha Laranjeira
Maria de Lurdes da Cunha Laranjeira
Maria Madalena Saleiro Meira Torres
Maria Leontina Viana Laranjeira
Maria Carolina Cepa Azevedo

27.º TURNO

Maria Emília Martins da Costa
Maria Cândida Teixeira Jacques
Maria Alves Meira da Cruz
Emília da Cruz Viana
Maria Azevedo Faria

28.º TURNO

Maria de Lurdes Pereira da Silva
Maria das Dores de Sá Fernandes
Amélia Gonçalves Pereira
Maria Zaida Rolo da Cunha
Rosa Pereira Maia

29.º TURNO

Maria dos Santos Dias
Amélia Gonçalves Laranjeira
Amélia Gonçalves da Costa Cardante
Cândida Gonçalves Dias
Lúcia Cepa Lopes

30.º TURNO

Maria dos A. Gonçalves Laranjeira
Maria Amélia da Cunha Plácido
Maria Adelina Torres
Amélia Gonçalves Barros
Maria do Céu Vilas Boas Azevedo

31.º TURNO

Amélia Gonçalves Viana Rebelo
Maria Cândida de Carvalho A. Rolo
Adelaide da Cruz Viana
Maria Alzira de Azevedo Neiva
Zulmira de Almeida Torres Neiva

32.º TURNO

Maria Cândida da Cruz Rolo
Maria da C. Fagundes da Silva
Maria Lúcia Sampaio de Azevedo
Maria Filomena de Barros Viana
Maria Albina Faria da Cruz

33.º TURNO

Rosa Pires
Cândida da Costa Azevedo
Flora Azevedo Neiva
Olinda Rodrigues Ferreira
Helena Azevedo Neiva

34.º TURNO

Amélia Pires Lapeiro
Olívia Pires Lapeiro
Maria da Conceição Rodrigues Meira
Carolina Rolo Meira
Leontina Viana Caramalho



Centro Paroquial

45.º TURNO

Helena Azevedo Saleiro
Margarida Maria Viana Torres
Inês Gonçalves Meira Torres
M. de Lurdes G. Meira Torres
Maria Meira de Barros

46.º TURNO

Clara da Cruz Neiva
Maria de Lurdes Pereira Viana
Umbelina Dias Pereira
Eugénia da Costa dos Santos
Páimira Lourenço de Azevedo

47.º TURNO

Lúcia Ledo
M. Otília Ledo da Cruz
M. da Cruz Azevedo
M. Cândida Azevedo Torres
Aurora Dias da Cunha

48.º TURNO

Alzira Torres Pereira
Cândida Maltéz Torres
Maria Maltéz Torres
Amélia de Sousa Caseiro
Cândida Fernandes de Azevedo

49.º TURNO

Margarida Maria F. Faria Vinha
Maria de Fátima F. Faria Vinha
Maria de Lurdes Laranjeira Afonso
Amélia de Jesus Neiva da Cruz
Maria de Nazaré Faria Vitorino

50.º TURNO

Maria de Jesus Martins Penteadó
Maria Silvéria Gonçalves da Silva
Maria Graciosa Martins Rei
Amélia Cardante da Cunha
Maria Helena Cardante da Cunha

51.º TURNO

Maria Clara Torres Neiva da Cruz
Maria Isménia Viana Sampaio
Maria Isabel Viana Sampaio
Maria Ester Saleiro Meira Torres
Lucinda de Jesus Viana Azevedo

52.º TURNO

Lúcia de Jesus Sá da Costa Bacelar
Maria Cândida Pereira de Sá
Helena Pereira de Sá
Rosalina da Costa Barros
Ermelinda Pereira de Sá

“ADORMECI.

E sonhei que a vida era só alegria.

ACORDEI.

E vi que a vida se resumia em servir.

SERVI.

E vi que servir é ALEGRIA”.

R. Tagore

DE ANTAS”

Felizes os que dormem no Senhor porque descansam dos seus trabalhos

(Conclusão da 5.ª Pág.)

Quarta, 10 — José Gonçalves Rolo.

Quinta, — José Pires Laranjeira Caré.

Sexta, 12 — Amélia Gonçalves Pereira.

Sábado, 13 — Joaquim Pires Laranjeira e Custódia Alves Moreira.

Domingo, 14 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Manuel Fernandes de Sá e esposa; 3.ª José Rodrigues Lapeiro.

Segunda, 15 — 1.ª Henrique Martins Vitorino; 2.ª Manuel Martins da Costa, esposa e filha Adélia; 3.ª Almas do Purgatório.

Terça, 16 — Domingos Pereira de Barros.

Quarta, 17 — Maria Emília Gonçalves R. Neves e Augusto Pereira de Sá — 1.º aniversário.

Quinta, 18 — Maria Clara Azevedo e marido.

Sexta, 19 — Augusto Pereira de Sá.

Sábado, 20 — Manuel Xavier da Costa.

Domingo, 21 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Maria Meira e marido; 3.ª Ermelinda Dias Ferreira.

Segunda, 22 — Almas do Purgatório — José Soares (1.º aniversário).

Terça, 23 — Ana Neiva e marido.

Quarta, 24 — Antónia Castela.

Quinta, 25 — Ana Ribeiro dos Santos.

Sexta, 26 — Joaquim Martins Ledo e irmão.

Sábado, 27 — Maria Martins da Silva.

Domingo, 28 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Manuel G. Maltês Torres e esposa; 3.ª Domingos G. Pereira Cardante.

Segunda, 29 — Almas do Purgatório.

Terça, 30 — Joaquim Martins da Costa e esposa.

Quarta, 31 — Manuel Fernandes de Sá Lages.

Setembro

Quinta, 1 — Confraria do SS.mo Sacramento.

Sexta, 2 — Apostolado da Oração.

Sábado, 3 — Domingos Fernandes de Sá.

Domingo, 4 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Santa Tecla; 3.ª Domingos Martins Vitorino Novo.

Segunda, 5 — Almas do Purgatório.

Terça, 6 — António da Costa Portas.

Quarta, 7 — Ermelinda Pereira Novoeiro.

Quinta, 8 — Amélia Gonçalves da Silva.

Sexta, 9 — Henrique Martins Vitorino.

Sábado, 10 — Manuel António Gonçalves de Azevedo.

Domingo, 11 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Ma-

nuel Ribeiro da Costa; 3.ª Maria Pereira de Barros.

Segunda, 12 — Almas do Purgatório.

Terça, 13 — Amélia Dias Ferreira.

Quarta, 14 — Rosa Gonçalves Pereira Cancela.

Quinta, 15 — Rosa Lourenço Faria e marido.

Sexta, 16 — Manuel Alves da Cruz das Almas.

Sábado, 17 — José Almeida Torres e filho.

Domingo, 18 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Festa da Senhora dos Remédios; 3.ª Arminda Queirós dos Santos.

Segunda, 19 — Almas do Purgatório.

Terça, 20 — Manuel Fernandes da Silva e filho.

Quarta, 21 — Domingos Gonçalves da Costa e Aurora Ribeiro Morgado (1.º aniversário).

Quinta, 22 — Manuel Pires Laranjeira.

Sexta, 23 — António Alves de Azevedo.

Sábado, 24 — José Gonçalves Cardante.

Domingo, 25 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Eng. Sá Carneiro; 3.ª Manuel António Rodrigues.

Segunda, 26 — Almas do Purgatório.

Terça, 27 — Maria Fernandes de Sá.

Quarta, 28 — Rosa Rodrigues da Costa da Peneirada.

Quinta, 29 — José Rodrigues e esposa.

Sexta, 30 — Albino Lourenço de Faria.

Outubro

Sábado, 1 — P.e Ledo.

Domingo, 2 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Francisco Alves da Cunha; 3.ª Albino Lourenço de Faria.

Segunda, 3 — Almas do Purgatório.

Terça, 4 — Serafim Gonçalves Crespo.

Quarta, 5 — Manuel da Costa Portas.

Quinta, 6 — Confraria do SS.mo Sacramento.

Sexta, 7 — Apostolado da Oração.

Sábado, 8 — Amélia Alves da Cruz Portas.

Domingo, 9 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Ana Alves da Cruz Nevoeiro; 3.ª Manuel João Alves e filho.

Segunda, 10 — Almas do Purgatório.

Terça, 11 — Emília Teixeira Jacques.

Quarta, 12 — Domingos Alves da Cruz e esposa.

Quinta, 13 — Isaura Meira Crespa.

Sexta, 14 — Alfredo Fernandes Gomes.

Sábado, 15 — Maria Martins da Costa e marido.

Domingo, 16 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Teresa Alves da Cruz Moleira; 3.ª Rosária Pereira e marido.

Segunda, 17 — Almas do Purgatório; Ermelinda Rodrigues (1.ª aniversário).

Terça, 18 — António Gonçalves Caramalho.

Quarta, 19 — José Alves da Cruz.

Quinta, 20 — Maria Vaz Saleiro e marido.

Sexta, 21 — Carlos Alves da Cruz.

Sábado, 22 — Manuel Gonçalves Cardante e Adélio Lapeiro de Sá.

Domingo, 23 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª João Correia d'Oliveira; 3.ª Manuel Gonçalves Crespo.

Segunda, 24 — Almas do Purgatório.

Terça, 25 — Domingos Alves Rolo Fagundes.

Quarta, 26 — Justina da Cruz Viana.

Quinta, 27 — Domingos Fernandes de Sá.

Sexta, 28 — José Gonçalves da Torre.

Sábado, 29 — Adélia Pires Laranjeira.

Domingo, 30 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª N.ª Senhora do Rosário; 3.ª António Augusto da Silva.

Segunda, 31 — Almas do Purgatório.

Novembro

Terça, 1 — 1.ª Francisco Alves Rolo e esposa; 2.ª Manuel Martins da Costa (1.º aniversário); 3.ª No cemitério — Almas do Purgatório e Sermão.

Quarta, 2 — 1.ª Almas do Purgatório; 2.ª Cândido Gonçalves Pereira Cardante; 3.ª Intenções do Santo Padre.

Quinta, 3 — Confraria do SS.mo Sacramento.

Sexta, 4 — Apostolado da Oração.

Sábado, 5 — Rosa Fernandes da Costa.

Domingo, 6 — 1.ª Intenções Alves de Faria; 3.ª Manuel dos paroquianos; 2.ª Cassiano Lourenço de Faria.

Segunda, 7 — Almas do Purgatório.

Terça, 8 — Manuel Alves da Cruz Novo.

Quarta, 9 — Carolina Gonçalves Pereira Cancela.

Quinta, 10 — Manuel Afonso Vaz Saleiro.

Sexta, 11 — Engrácia Alves de Azevedo.

Sábado, 12 — Manuel Meira da Cruz e esposa.

Domingo, 13 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Vitória Gonçalves de Sá; 3.ª Manuel António Rodrigues.

Segunda, 14 — Almas do Purgatório.

Terça, 15 — Albina Gomes Laranjeira e Engrácia Alves de Carvalho (1.º aniversário).

Quarta, 16 — Manuel Gonçalves Neiva.

Quinta, 17 — Rosa Alves Rolo.

Sexta, 18 — Maria Ribeiro dos Santos.

Sábado, 19 — Guilherme Meira do Vale.

Domingo, 20 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Manuel Rodrigues Azevedo e esposa; 3.ª Domingos Alves da Cruz Moleiro e esposa.

Segunda, 21 — Almas do Purgatório.

Terça, 22 — Júlia da Silva e marido.

Quarta, 23 — Carlos da Costa Cruz e esposa.

Quinta, 24 — Engrácia Vaz Saleiro e marido.

Sexta, 25 — José Alves Rolo Rabadas e Manuel António Rodrigues (1.º aniversário).

Sábado, 26 — Maria da Cruz Sequeira Monte.

Domingo, 27 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Manuel Gonçalves Pereira; 3.ª Maria Rosa Meira da Costa.

Segunda, 28 — Almas do Purgatório.

Terça, 29 — Mariana Rodrigues Viana.

Quarta, 30 — Celebração, ofícios fúnebres, sermão das almas e procissão ao cemitério.

Intenções:

— Almas do Purgatório, em geral.

— Sepultados na Igreja, Adro e Cemitério.

— Os que trabalharam e contribuíram para a construção da nossa Igreja.

— Os que trabalharam e contribuíram para a construção do centro paroquial.

— P.e Ledo que legou a Residência paroquial e passal.

— Sacerdotes que foram párocos nesta terra.

— Sacerdotes naturais desta paróquia.

— Os que ao longo dos tempos contribuíram com os seus donativos para as obras paroquiais.

— Os que trabalharam nestas Obras de Apostolado, Piedade e Animação Litúrgica desta paróquia.

— Os que foram baptizados na nossa Igreja e morreram longe da sua terra Natal.

Dezembro

Quinta, 1 — Confraria do SS.mo Sacramento.

Sexta, 2 — Apostolado da Oração.

Sábado, 3 — Maria Gomes Laranjeira Sofia.

Domingo, 4 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Cândida dos Santos e marido; 3.ª Maria Martins Ferreira.

Segunda, 5 — Almas do Purgatório — Angelina Faria «Gininha» (1.º aniversário).

Terça, 6 — António Viana.

Quarta, 7 — Maria Gomes Laranjeira.

Quinta, 8 — 1.ª Missa Solene. Festa da Imaculada; 2.ª Manuel Pires Laranjeira; 3.ª José Pires Laranjeira Caré.

Sexta, 9 — Ana Alves Salgueiro.

Sábado, 10 — Manuel Gonçalves Viana.

Domingo, 11 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Maria Gomes de Matos e marido; 3.ª Joaquim Rodrigues Lapeiro.

Segunda, 12 — Almas do Purgatório.

Terça, 13 — Mariana Ribeiro Agra e João Rodrigues Sampaio.

Quarta, 14 — Maria Nazaré de Jesus e mãe.

Quinta, 15 — António Fernandes de Sá Nevoeiro.

Sexta, 16 — Maria Gonçalves e neto.

Sábado, 17 — Manuel Gonçalves Crespo.

Domingo, 18 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª José Alves Calheiro; 3.ª Falecidos/76 — m. c. Conferência Vicentina.

Segunda, 19 — Almas do Purgatório.

Terça, 20 — Arlindo da Cruz Rodrigues Viana.

Quarta, 21 — Mariana Alves Rolo.

Quinta, 22 — Joaquim Gonçalves Pereira Cardante.

Sexta, 23 — António Manuel Simões.

Sábado, 24 — Albina Queirós dos Santos — Meia Noite — na Igreja paroquial.

Domingo, 25 — 1.ª Intenções dos paroquianos; 2.ª Missa do Menino; 3.ª Maria Rodrigues Ferreira.

Segunda, 26 — Almas do Purgatório.

Terça, 27 — Deolinda Pereira.

Quarta, 28 — Bernardina Ribeiro dos Santos e marido.

Quinta, 29 — Teresa Alves da Cruz.

Sexta, 30 — António Eiras de Meira Torres.

Sábado, 31 — Justino Fernandes de Sá — Meia Noite — na capela de N.ª S.ª do Rosário.

Oportunamente, celebrar-se-ão as missas por:

— Adélio Lapeiro de Sá

— Rosa Pires Laranjeira

— Paulo Alves Rolo

— Carolina Alves Gramosa

— Alzira Rodrigues Coutinho e Ermelinda Rodrigues Coutinho, mãe

— Landino Gonçalves e esposa

— Maria Gonçalves Pereira e marido

— P.e António Ferreira e irmã

— Beatriz Gonçalves Ledo, bem como por todos aqueles cujos nomes tinham sido marcados na primeira missa de cada domingo, que por determinação da Santa Sé será celebrada pelas intenções dos paroquianos.

Enquanto vivos...

Procuremos viver o ideal de perfeição que o Evangelho aponta — construamos a nossa santidade — no cumprimento do nosso dever.

O CRISTIANISMO

através da História

(Conclusão do número anterior)

São tempos conturbados os que surgem para o Cristianismo após o período áureo em que a Igreja pontifica pela verdade dos seus ensinamentos e a vida edificante dos seus mentores. Para esta situação muito terá contribuído o chamado cativo de Avinhão (residência dos Papas em Avinhão, durante aproximadamente 70 anos) e o cisma do Ocidente (período em que a Cristandade assistiu à orientação simultânea de dois Papas, um em Avinhão e outro em Roma). Esta situação anómala, embora por limitado espaço de tempo, não podia deixar de ter reflexos importantes nos crentes, sempre habituados a ver na Igreja o modelo exemplar de virtudes. Desta crise sofrida pela Igreja não poderá isentar-se o Renascimento, movimento cultural dos séculos XV e XVI, que teve reflexos no Cristianismo, dando origem a um desregramento hierárquico e o implícito nepotismo e simonia, habilmente aproveitados por filósofos como Wicleff e João Huss e principalmente pelo frade agostinho Martinho Lutero, o verdadeiro fundador do chamado Protestantismo, que com a Reforma faz decrescer sensivelmente a autoridade pontificia.

Esta cisão surgida no seio da Igreja, embora pareça um paradoxo, podemos apelidá-la de salutar. Teve o condão de avisar os espíritos, obrigar a meditar e não permitir desvios que, infelizmente, tinham surgido. O concílio de Trento pela acção orientadora e basilarda do Papa Paulo III irá novamente com a nova Reforma Católica prestigiar a Igreja. São debatidos temas com os quais o Concílio reprime abusos e fixa a doutrina católica. Parece, no entanto, que a Reforma Católica foi tardia, pois não pode obstar à divisão da Cristandade em católicos e protestantes. Verifica-se até que a zona onde se faz sentir a cultura romana permanece católica e entre os países nórdicos predominarão os protestantes. Podemos, porém, concluir que os decretos do Concílio de Trento, acatados por todo o mundo católico, provocaram o ressurgir das verdades e virtudes cristãs e impuseram o respeito pela hierarquia eclesiástica que se tem mostrado através dos tempos.

Praticamente só na final do século XIX e mediante a chamada «Questão Social» em que intervêm Saint-Simon, Prudhon e o chamado «socialismo científico» de Karl Marx, a Igreja toma uma atitude por intermédio do Papa Leão XIII, na encíclica Rerum Novarum (1891). Foram estudadas as causas do desassossego social e propostas resoluções para a solução dos problemas, como sejam: reconciliação entre operários e

patrões, pela prática dos deveres de justiça; pagamento de justo salário e trabalho adequado ao sexo e à idade; respeito pela virtude e bons costumes; exercícios de fraternidade cristã; acção do Estado na protecção aos indigentes e fracos, na repressão aos agitadores e no respeito pela dignidade humana.

Em 1931 o Papa Pio XI, na

Encíclica Quadragésimo ano, lembrou a doutrina de Leão XIII, pediu a cristianização da vida, chamou a atenção para a iniquidade de algumas teorias políticas, pretendeu a aplicação da lei da caridade e a recondução a Cristo dos operários e patrões e união das forças católicas.

Waldemiro Mota Pinto

PEQUENAS NOTÍCIAS

(Conclusão da 3.ª Pág.)

Redentor, garantia de Felicidade.

Faleceu uma catequista. Relevantes serviços na Educação da Fé cristã às crianças havia prestado.

A paróquia de Belinho chorou a sua morte. A catequese sentiu a sua «ausência». As crianças da catequese (400?) e catequistas, bem como todo o restante povo da comunidade tomaram parte no funeral e na missa do sétimo dia. Sufragaram a sua alma para que repousasse no Senhor pelos seus trabalhos no avanço da catequese. Este gesto de gratidão é um belo exemplo e espinho na consciência daqueles pais desinteressados na catequese e ingratos para com os catequistas...

— O telefone

Da residência paroquial, terá o número 87130, na ausência do pároco que só por «milagre» se encontra em casa.

— O Centro paroquial

Ostenta no seu frontispício as letras de bronze: «Centro paroquial — S. Paio d'Antas». Simbolizam o esforço titânico dum povo que foi e se mantém unido à Igreja. Está equipado com 300 cadeiras, 300 bancos de estrutura metálica para a catequese, 80 bancos colectivos (para 5 lugares). A oferta dos 300 bancos de catequese, testemunha a gratidão do pároco à paróquia pela vasta e intensa colaboração de toda a paróquia em todos os parâmetros da vida pastoral e obras paroquiais, mui concretamente no mobiliário e equipamento da casa da paróquia.

— A procissão

Do Senhor dos enfermos, será em 3 de Abril. É a festa principal da paróquia. Dedicar-lhe-emos um pouco da sua história.

— O Grupo Coral

Foi convidado a solenizar uma missa em Fonte Boa. Condições impostas: 2.500\$00 além das deslocações que serão da conta de quem convidada. Se arranjam órgão electrónico. O da paróquia não sairá por motivo algum. Con-

sultados os técnicos da Ruivina, informaram que o órgão electrónico é demasiado sensível, e, qualquer concerto ronda a casa das «dezenas»...

— Lauto banquete

Servido com todo o requinte pelo Hotel Nélia, no Centro Paroquial. Foi no dia 5 de Março no casamento de Ana Maria e Jorge, da distinta e benemérita família Azevedo.

— O Seminário da Silva

Veio solenizar com o conjunto electrónico a missa de Acção de graças ao Senhor oferecida pelas intenções de todos os paroquianos, ao passar o primeiro aniversário de paróquia do P.e Brito. Foi no dia 27(28) de Março. À tarde, no salão recreativo com lotação esgotada (díssima) foi levada a palco brilhante e atrativa récita com a instrumental electrónica. Ao meio-dia, foi oferecido, na sala de convívio, um almoço. Aos padres Teles e Durães, a esse grupo de jovens cheios de dinamismo e vida, entre eles contando o Henrique e o Adélio, que serão os sacerdotes de Amanhã, e que nos falaram da imagem do padre e sua missão no mundo, a paróquia ficou-lhes agradecida... e augurando fecundo apostolado.

— Há 52 turnos

Para a limpeza, embelezamento e asseio do Centro Paroquial. A cada uma vez ao ano. Em dia de sábado. A primeira de cada turno é a responsável, que providenciará o material preciso para a limpeza, substituição de algum elemento no caso de ausência da paróquia ou até no caso de falecimento. A estes grupos (turnos) de senhoras e donas de casa; de raparigas do campo, da fábrica e do estudo a NOSSA mais viva ADMIRAÇÃO e Sincero AGRADECIMENTO. Bem hajam!

— Um «tornado»

Vento ciclónico, destruiu uma das lindas chaminés do Centro paroquial. Causou danos materiais; ameaçou muitos outros e fez correr o risco a algumas vidas.

Imediatamente um grupo de rapazes da JAEOCA, procederam à cobertura do telhado e remoção do entulho.

Motivos de um ressurgir

-- «Voz de Antas»

Razões duma Fundação

-- JAEOCA

É uma triste verdade: em todas as freguesias existem associações recreativas e culturais, que em bom disfarce e sem eufemismo as «más línguas» preferem ler: associações revolucionárias e comunistas. Dinheiro não lhes

falta. E para demonstrar que defendem o trabalhador rompem o «fundo» das calças e das cadeiras nos cafés. E até se dizem católicos, praticantes, anti-comunistas. Mas não deixam de ser militantes de partidos de feição marxista; amigos do «camarada» Otelio; defensores das «amplas liberdades» do Cunhal. Defensores da Unidade da Terra mas olham para o trabalhador do campo ou da construção civil «chantier» como um «coitado», e apenas aceitam empregos nos Bancos, gerência de empresas ou empregados de escritório. Buscam o progresso da freguesia mas aos ricos (segundo os seus clichés progressistas) dão couces, enquanto não lhes apanham a riqueza. Adoptam as estratégias que lhes vem secretamente dos comités centrais. Procuram desviar as atenções da Igreja. E através do desporto é fácil(?) arrastar a mocidade masculina. Numa palavra, são incansáveis em semear a cizânia para justificarem o capital que recebem. Lançam jornais para nas suas colunas não se fazer referência à Igreja nem à sua doutrina, a não ser casamentos, baptizados e óbitos, porque sem isso daria muito nas «vistas».

Aos associados (ou sócios) impõem condições:

Progressismo e independência das instituições religiosas.

Geralmente as eleições recaem sempre sobre os mesmos. Nem é hábito prestar contas.

E quem disser estas verdades «máximas secretas» é considerado reaccionário, cacique, fascista e obscurantista.

Por isso o povo grita: Camaradas, a hora é de luta, vamos trabalhar, já!

assina:

Leninada progressista

Será verdade?

— Que a «menina» camarada FEPUPC, professora na Telescola tenha perguntado aos alunos, se a aula de Moral era bonita ou feia?

— Que as emissões de Moral têm sido um pouco (des) interessadas?

— Que «Voz de Antas» é o jornal do Povo? Com uma tiragem mensal de 1.200 exemplares? E apenas um para cada casa?

— Que entre nós há camaradas (...) tão mansinhos, tão mansinhos que parecem cordeiros mas por dentro são tão vermelhos, tão vermelhos que parecem tições em brasa... Quem não os conhecer que os tolere ou que os «compre»...

A Verdade

Em contacto com... a Junta de Freguesia

— Fomos informados de que:

No dia 9 de Março, pelas 15 horas, deslocou-se ao Lugar de Guilheta, a pedido da Junta da Freguesia, o Snr. Engenheiro da Câmara Municipal, assim como o encarregado dos serviços, e o fiscal da Empreitada, a fim de analisar alguns pormenores do corte do referido Caminho, e colherem as assinaturas dos consortes que iam ser lesa-

dos, e ver se estavam ou não de acordo, e se autorizavam os cortes nos seus terrenos.

Apareceram algumas dificuldades, já corrigidas, e houve boa compreensão e entendimento de toda a população da freguesia, pois não se podia perder esta oportunidade de um benefício, pois já vem a ser pedido à 33 anos pelos Ex-Presidentes da Junta da Freguesia, e só agora vemos as aspirações bem lançadas. Sejamos todos unidos e

olhemos para o futuro dos nossos filhos, em prol de uma sociedade mais digna e justa.

Ouvimos um louvor

Ao lugar do Monte pela maneira como eles se uniram e arranjaram os caminhos. No entanto estamos atentos e não nos poupamos a esforços para satisfazer os anseios de todos os lugares.

Agradecemos

O concerto da estrada do lugar de Belinho.

Só foi pena a ter sido efectuado após o embate, em 4 de Março p. p., de camiã com outro veículo automóvel. Embora não tivesse havido ferimentos registaram-se danos materiais.

Se para outros melhoramentos do género é preciso novos acidentes, então, sejam ma...

vocês protagonistas do «dra-

Ao terminar o nosso contacto avisou que:

A junta vai reunir com todos os chefes de família a fim de dar esclarecimentos de assuntos de interesse para a freguesia, uns em via de seguimento e outros previstos e para a resolução dos problemas referentes ao Cemitério e aos Coveiros.

Esta reunião está prevista para o dia 17 de Abril.

«A BOVINA»

— esclarece que:

Vai iniciar-se um rateio de 3\$00 por cada mil para pagar uma cria morta ao sócio José Lourenço Pereira no valor de 2.250\$00 e uma vaca morta ao sócio João da Costa Matos no valor de 22.000\$.

Este rateio é dividido nos valores existentes em 1 de Março que é de 8.529.400\$00.

Ao terminar o nosso contacto entregaram-nos estas impressões sobre A BOVINA.

— Ovo de Colombo

Sei pouco de como funcionam as Companhias de Seguros. Mas todos ouvimos dizer que davam lucros fabulosos, que era uma exploração. E foram nacionalizadas, para correr tudo melhor. Mas deve continuar tudo bastante complicado, pois o preço dos seguros aumentou.

Fiquei verdadeiramente surpresa com a «Companhia de Seguros» de S. Paio d'Antas. É conhecida pela «BOVINA». Que extraordinário exemplo de espírito comunitário, de eficiência, de simplicidade, de interajuda! Sem burocracias, sem funcionários, sem livros nem cobradores... pagos, pelo menos.

«Bovina conta-se em poucas palavras:

Frente solidária «Voz de Antas»

Só muita carolice, uma vontade férrea, um esforço titânico, serão suporte da tribuna «Voz de Antas», a nossa voz. Reiteramos sincero agradecimento e vivo Louvor, a todos quantos se vão capacitando de que pagar uns «miseros» escudos para a assinatura de «Voz de Antas», a voz do Povo, em nada agravam os seus orçamentos.

Senão vejamos:

| | |
|--|-----------|
| Albertina Gonçalves da Costa | 100\$00 |
| Alberto Pereira Viana | 100\$00 |
| Albino Faria da Cruz — França | 100\$00 |
| Alguém | 100\$00 |
| Amélia Gonçalves Pereira Viana — Cascais | 100\$00 |
| Amélia Laranjeira — França | 100\$00 |
| Angelina Alves da Costa | 75\$00 |
| António Alves Rolo | 100\$00 |
| António de Barros Vieira | 80\$00 |
| António da Cruz Ferreira | 75\$00 |
| António Gonçalves da Costa — Belinho | 75\$00 |
| António Martins Vitorino — Porto | 200\$00 |
| António Pereira Portela — França | 1 000\$00 |
| António Rodrigues Meira Torres | 100\$00 |
| António de Sousa Dantas de Brito — Vila Mou | 100\$00 |
| António do Vale e Silva — Forjães | 100\$00 |
| P.e Dr. António de Oliveira Fernandes — Braga | 200\$00 |
| António Viana Caramalho | 100\$00 |
| Armando da Cruz — França | 100\$00 |
| Avelino de Almeida Torres Neiva | 100\$00 |
| Avelino Gonçalves Neiva | 100\$00 |
| Cândido Fernandes Penteado — Lisboa | 150\$00 |
| Carlos Alves Caseiro | 75\$00 |
| Carlos Laranjeira — França | 30 F |
| Cristina Penteado — França | 100\$00 |
| David Viana Meira Torres | 100\$00 |
| Domingos Alves da Cruz | 75\$00 |
| Domingos Martins Pires Carneiro | 150\$00 |
| Elvira Maria da Silva Gonçalves | 100\$00 |
| Emília Rolo de Azevedo | 100\$00 |
| Ernesto Leitão Faria Vinha | 100\$00 |
| Ermelinda Vieira Torres Lima | 80\$00 |
| Eugénia Ribeiro dos Santos | 75\$00 |
| Fernando Martins da Costa | 100\$00 |
| Guilherme do Vale — França | 200\$00 |
| Guilhermina Alves | 100\$00 |
| Hortelinda Cândida dos Santos Viana | 100\$00 |
| João Moreira de Sá | 75\$00 |
| José Alves da Cunha — Castelo do Neiva | 200\$00 |
| José Alves Rolo Afonso | 100\$00 |
| José da Cruz — França | 100\$00 |
| José Joaquim Pereira de Barros — Porto | 100\$00 |
| José Rodrigues Meira — Castelo do Neiva | 100\$00 |
| Laurentino Faria Rolo — França | 100\$00 |
| Lourenço Araújo | 75\$00 |
| Luciano Narciso Gomes | 100\$00 |
| Manuel Alves de Azevedo — Lisboa | 100\$00 |
| Manuel Alves de Azevedo | 80\$00 |
| Manuel Alves da Cruz | 100\$00 |
| Manuel Alves do Cunha — Belinho | 100\$00 |
| Manuel Alves Rolo | 100\$00 |
| Manuel António Laranjeira Amaro | 100\$00 |
| Manuel Gonçalves Neiva Novo | 100\$00 |
| Manuel Gonçalves Pereira Cardante | 75\$00 |
| Manuel Lourenço Faria da Cruz — Brasil | 150\$00 |
| Manuel Martins de Abreu | 75\$00 |
| Manuel Martins Ledo Cidral — Belinho | 80\$00 |
| Manuel Martins da Silva | 100\$00 |
| Manuel Pedreira Rodrigues — França | 300\$00 |
| Manuel Viana Rolo Agra — França | 200\$00 |
| Maria Acilda Meira Sá da Costa — Lisboa | 100\$00 |
| Maria Amélia Gonçalves Alves | 100\$00 |
| Maria da Cruz Azevedo Saleiro | 100\$00 |
| Maria Emília Neves Ferreira — S. Romão do Neiva | 100\$00 |
| Irmã Maria Helena dos Anjos Costa — Braga | 100\$00 |
| Maria de Lurdes Coutinho Chasco — França | 100\$00 |
| Maria Martins Pereira | 100\$00 |
| Maria Moreira de Faria | 90\$00 |
| Maria Rodrigues | 75\$00 |
| Maria dos Santos Sampaio | 100\$00 |
| Maria Torres Lima | 80\$00 |
| Maria Vitória da Costa Torres Neiva — Matosinhos | 100\$00 |
| Octacílio Capitão de Abreu | 100\$00 |
| Olívia Rodrigues Sampaio | 100\$00 |
| Raul de Azevedo Saleiro — Porto | 75\$00 |
| Raul Laranjeira de Barros | 80\$00 |
| Rogério Faria Rolo — França | 200\$00 |

Ecos do Emigrante

Ressonância da nossa voz...

Conclusão da 4.ª Pág.) tamente privados, como é o caso de muitíssimos emigrantes, exilados e refugiados, marinheiros e aviadores, nómadas, etc. Promovam-se métodos convenientes da assistência espiritual àqueles que se deslocam temporariamente a outros lugares...» (n. 18 de Christus Dominus).

A vós Emigrantes, a quem a Igreja foi enviada de um modo especial, dedicamos um lugar privilegiado nas páginas de «Voz de Antas», a nossa voz, para refletirmos conjuntamente a nossa preocupação de homens cristãos, e através da oração edificarmos a Cidade Celeste. Vós emigrantes, que sois nossos irmãos na Fé precisais de ser apoiados para não sucumbirdes perante tantos perigos, nem serdes dominados pela dureza da vida.

As vossas vidas e as vossas famílias são para nós motivo de preocupação. Por isso agradecemos as vossas notícias, críticas e sugestões.

Aguardamos ansiosamente notícias vossas. Lemos com amor e carinho a correspondência dos filhos da terra, da nossa Família Paroquial, ausentes.

Através de «Voz de Antas», agradecemos o apoio e estímulo que nos tem chegado dessas terras longínquas, sobretudo de Jargeau, S. Deniz de L'Hotel, Darvov, Sullias e Orleans. Simplicidade deve ser tema nas nossas relações. Ainda estou a pensar nas palavras da Isabel em representação da equipa: «Senhor Reitor, mais uma vez pedimos para corrigir o que não estiver bem. Se vir que alguma coisa não deve ser publicada ponha de parte.—Obrigados».

E confessamos nada ter alterado ou suprimido.

É nossa firme esperança, não obstante as arrelias da vida, a monotonia dos trabalhos e incertezas do futuro, a tribuna do ausente não deixará de ouvir os Ecos do Emigrante.

EMIGRAÇÃO

I — DESPEDIDA

Dormia no meu berço sossegado,
Numa alegre manhã de Sol ardente,
Quando acordei a arfar, impaciente,
Tendo nos lábios um sabor salgado.

Eram lágrimas. Tinha alguém chorado
Sobre o meu rosto. Alguém que meigamente
Ali viera. Adivinhei. Fremente,
Corri para o portal. E, desolado,

Ainda o vi andando, sempre andando,
Ficou na minha mente pequenina

O vulto de meu Pai, envolto em véus
De cinzenta e translúcida neblina,
Acenando-me sempre aquele Adeus...

II — CARTA DE LONGE

«MULHER querida, noite e dia, penso
Na tua imagem linda branca e pura,
Que me torna feliz e me tortura
Por aqui não ter teu amor imenso,

(Ela enxugava os olhos com o lenço!)
E te fazer passar a vida tão dura;
Mas junto a mim alguma Voz murmura
Que o preço deste meu trabalho intenso

Há-de trazer, um dia, aos nossos Filhos
Toda a alegria excelsa de Viver.
Encaminha seus passos pelos trilhos

Da beleza e do Amor, que o BEM-QUERER
Porá nas suas frentes astrais brilhos.
Beijo-vos. Até quando Deus quiser!»

ALBINO DE SÁ

(Conclui na 11.ª pág.)

(Conclui na 11.ª pág.)

Miradouro

(Conclusão da 12.ª pág.)

do, em espírito esclarecido e valor humano.

Pois bem, acreditamos que consciente dessa obrigatoriedade e numa remoçada vontade, o responsável espiritual da nossa freguesia enfrentou a nova era e deccididamente fez a aliança «espírito — cultura — valorização social».

Paralelamente à palavra de Deus, pregada com acerto à freguesia, iniciou um movimento destinado à valorização da juventude:

Corte e costura.
Cozinha.
Higiene.
Cultura.

Preparação física.
Solidariedade.

Primeiros socorros, etc.

É um princípio. Bem calculamos que o esforço será imenso, dentro das limitações da freguesia. Mas ele está sendo feito. Quando a vontade é forte, quando se luta por algo em que acreditamos, a vitória surgirá.

Todos sabemos que em Portugal existem pelo menos duas formas de vida distintas: «Os da cidade e os dos campos». Mas tal expressão, para além do seu significado intrínseco, quer dizer algo mais, quando usada por aqueles que até agora beneficiaram de condições de vida privilegiadas. Quer dizer que existe uma barreira entre uns e outros; que uns são os esportos e os outros os ignorantes...

Ora teremos todos que lutar para que desapareçam de vez esses preconceitos. A barreira terá de cair por terra. Para isso, a força de vontade terá de ser enorme.

As nossas raparigas e os nossos rapazes terão de colaborar, valorizando-se. Terão de colaborar com aquele que meteu ombros à realização. Uns, emprestando o seu saber nos diversos ramos socio-culturais, outros comparecendo às horas da sua divulgação.

Ainda vai havendo o conceito generalizado de que a rapariga se quer para a casa e para os campos. Mas não será somente assim. A rapariga faz parte muito importante da reconstrução do nosso país. Por isso mesmo, embora nos campos ou em casa, ela terá de possuir preparação mais apurada, mais aperfeiçoada. Tem obrigação de transmitir aos seus futuros

filhos algo de melhor. De fazer do lar um lugar de paz, compreensão, tranquilidade, que se espelhe na vida comunitária. Melhorar, com o seu saber ou seus conhecimentos, a vida dos campos, tirando deles o melhor proveito. Aplicando sistemas práticos, para melhores colheitas. Ajudando e recebendo ajudas em solidariedade humana.

Para além disso a rapariga esclarecida, ensinada, possuirá uma arma forte na sua emancipação. A dependência escravizante o desaparecerá, para dar lugar à colaboração útil, indispensável às grandes realizações.

Na mesma linha se situam os rapazes. Esses muito em especial e até mais delicadamente. A esses há que mostrar os realismos da vida actual. A produção inteligente a bem do país, do povo, é crucial. É preciso ultrapassar o trabalho de sobrevivência.

Para tanto, terão de ser ensinados, dentro dos moldes aconselháveis pelas técnicas e formas estudadas actualmente.

É grande a obra de reconstrução. Mas é pelos alicerces que ela começa. A nossa paróquia está interessada na reconstrução. Um só Homem dificilmente a levará a cabo. Mas estamos certos que com inteligência — e não falta — haverá outros a dar as mãos e a obra será levantada ao nível desejado.

E daqui fazemos um apelo: Que aqueles que têm a responsabilidade de transmitir ensinamentos, sejam dotados de dois predicados importantes — bons conhecimentos da matéria que ensinam e vontade férrea de ensinar.

Um modesto mas veemente incentivo à nossa paróquia, para mais e valorosas obras, a bem da comunidade.

EURICO

Junta de freguesia

(Conclusão da 10.ª pág.)

Cada lavrador, (traduza-se camponês), apresenta o seu gado para avaliação. Uma vez aprovado, está inscrito. Não paga nada; nem «joia», nem cotas. A avaliação é feita por uma comissão de camponeses, eleita por camponeses. Adquire logo o direito ao seguro. É sócio. Se perder uma cabeça de gado, o valor do animal é dividido pelos restantes sócios, ficando assegurada a compra de novo bicho para o atingido. E isto sem lucros para intermediários, empresários ou companhias seguradoras. Sem «exploração do homem pelo homem». Sem demoras burocráticas, simplesmente, sem propaganda, no mais puro espírito comunitário, (tão apregoado, e tão pouco realizado na prática), encontra-se a funcionar, desde 1962, na aldeia de S. Paio de Antas: A BOVINA!

Não teriam os economistas e os políticos alguma coisa a aprender com este bom povo-POVO... A. P. S.

A G. N. R.

Fizemos a participação do assalto à igreja. E narramos: Na noite de domingo para se-

gunda-feira (dia 13/14), penetraram na igreja com o intuito de dinheiro ou de ouro. Como o não conseguiram pois o «ouro e o dinheiro» está em «boas mãos», limitaram-se a levar o amplificador da Instalação Sonora, à semelhança do que têm feito noutras igrejas que se contam em grande número. Esta peça que de nova pode ter o preço de 5 000 e tal escudos, estava avariada embora funcionasse. Já havia orçamento para nova instalação sonora. Não estranhemos o facto, visto quase todas as igrejas terem sido assaltadas, sobretudo neste tempo de «malandros», vadios, e camaradas... para quem todos os meios são lícitos para conseguirem seus fins.

Apesar de o dano ser muito pequeno (2 000\$?) não deixamos de seguir os trâmites para entregar o caso à polícia judiciária.

Ao encerrarmos os serviços da Redacção do nosso jornal, podemos adiantar que o «caso» está resolvido. O pároco pediu desculpa à paróquia por esta ter direito a saber como, mas julgou conveniente ocultá-lo. A Igreja é a nossa causa, e pela Igreja damos a vida, se for caso disso.

Ao senhores ladrões, se nos lerem, lemos o letreiro que se encontrava numa igreja: «Por favor, não me arrombem a porta porque não há dinheiro nem ouro».

Ao termiar o nosso Contacto com a G.N.R., lembramos o que diz o povo trabalhador:

*Quem trabalha sempre come
Não come o suor de ninguém
Quem não trabalha também come
Come sempre o suor de alguém.*

MAPA DA RECEITA E DESPESA DA CORPORAÇÃO FABRIQUEIRA

FÁBRICA DA IGREJA

RECEITA

| Continuação do N.º Zero — Transporte | 321 390\$00 |
|--|--------------------|
| Ofertas para o Orgão | 36 130\$00 |
| Esmola de Santo António | 9 137\$40 |
| Receita de Espectáculos no Salão | 2 792\$00 |
| Contributo da Confraria para o Sacristão | 2 000\$00 |
| Receita da Festa da Imaculada | 3 117\$00 |
| Esmola do ovo — 4.º trimestre | 6 133\$50 |
| Rendimento do Culto em Novembro | 4 607\$00 |
| » » » » Dezembro | 7 191\$70 |
| » » » » Janeiro | 7 419\$80 |
| » » » » Fevereiro | 4 809\$90 |
| » » » » Santa Tecla | 1 014\$50 |
| Receita das Caixas em Santa Tecla | 609\$80 |
| Promessas a Santo António | 3 090\$00 |
| » » Nossa Senhora de Fátima | 2 455\$00 |
| » » Nossa Senhora das Vitórias | 860\$00 |
| » » Santo Amaro | 70\$00 |
| » » S. Braz | 100\$00 |
| » » SS.º Sacramento | 70\$00 |
| » » Nossa Senhora dos Remédios | 150\$00 |
| » » S. Silvestre | 10\$00 |
| » » S. José | 20\$00 |
| » » S. Paio | 50\$00 |
| » » Santa Luzia | 100\$00 |
| » » Santa Marta | 100\$00 |
| » » Menino Jesus | 50\$00 |
| » » Santa Tecla | 320\$00 |
| » » Santa Teresinha | 100\$00 |
| » » Diversas | 500\$00 |
| Donativo de Justina Alves da Cruz | 4 000\$00 |
| Alguém | 5 000\$00 |
| Donativos Diversos | 500\$00 |
| Peditórios dos Reis para as Almas | 3 060\$00 |
| Aluguer do Terreno em Santa Tecla | 200\$00 |
| Rendimentos do Cortejo | 182 877\$50 |
| Total | 610 235\$80 |

DESPESA

| | |
|--|--------------------|
| De transporte | 527 170\$80 |
| Mobiliário e Equipamento da Residência | 5 296\$90 |
| Vários Serviços pró labore | 3 940\$00 |
| Jubileu das Almas | 4 000\$00 |
| Compra de objectos de culto para Santa Tecla | 1 774\$00 |
| Despesa com a festa da Imaculada | 2 960\$00 |
| Energia Eléctrica | 3 386\$60 |
| Ao organista | 3 600\$00 |
| Previdência Paroquial | 840\$00 |
| Partículas e Incenso | 1 514\$50 |
| Serviços de Electricista | 3 000\$00 |
| Mudança do Telefone | 150\$00 |
| Letras para o Salão | 6 500\$00 |
| Vários Serviços de Carpintaria | 13 000\$00 |
| Tintas e diversos materiais de Construção | 6 860\$50 |
| Mão de Obra — Ordenados pagos | 3 966\$00 |
| 20 cassetes gravadas para os Emigrantes | 2 000\$00 |
| Cera de Soalho — Lâmpadas e artigos de Limpeza | 762\$00 |
| Dois placas para o Salão | 160\$00 |
| Lavagem das Roupas do Culto | 1 000\$00 |
| Propaganda e Fotografias do Cortejo | 2 160\$00 |
| Livros, Revistas e Impressos diversos | 2 488\$00 |
| Concerto da Máquina de Café | 3 293\$10 |
| Stock de borrachas de cadeira | 1 100\$00 |
| Soma | 600 922\$60 |

BALANCETE

| | |
|--------------------------|-------------|
| Receita | 610 235\$80 |
| Despesa | 600 922\$60 |
| Saldo | 9 313\$00 |
| Em Caixa | 713\$00 |
| Para Receber dos Estores | 8 600\$00 |

É esta a movimentação das contas (receita e despesa) da Corporação Fabriqueira, num ano de serviço — 28 de Março/76 a 28 de Março/77.

Um passado... que se vive no presente

(Conclusão da 12.ª pág.)

vido ao mau tempo mas nunca deixou de se realizar.

Durante vários anos o povo apenas cantava o *Bendito e Louvado Seja*... Bela melodia gregoriana.

O Snr. Padre Ferreira por sugestão do Poeta Correia de Oliveira pediu para que se cantasse também o *Quermos Deus*... Depois foram-se introduzindo novos cânticos — embora apropriados é

certo — a tal ponto que o *Bendito* foi caindo em desuso lentamente, e na precisão do ano passado ninguém se lembrou de o entoar — não o poderemos ressuscitar novamente? Aqui fica a lembrança..., e a letra:

*Bendito e Louvado seja
O Divino Sacramento da Eucaristia
Fruto do Ventre Sagrado
Da Virgem Puríssima
Santa Maria.*

Frente solidária

(Conclusão da 10.ª pág.)

| | |
|--|---------|
| Rosa de Azevedo Saleiro — França | 100\$00 |
| Rosa Rodrigues Ferreira | 75\$00 |
| Rosa Rodrigues Meira | 75\$00 |
| Rosa Vaz Saleiro | 100\$00 |
| Rosalina dos Santos Neiva | 75\$00 |
| Vitória Laranjeira | 100\$00 |
| Basilho da Cruz Neiva — França | 150\$00 |
| Aurélio de Almeida Torres Neiva — França | 150\$00 |

UM PASSADO... QUE SE VIVE NO PRESENTE E SE IMPORÁ AO FUTURO A FESTA DO SENHOR AOS ENFERMOS!

Desde tempos muito remotos que nesta freguesia havia o costume, louvável, de levar o Senhor aos doentes em procissão — assim, quando alguém o desejasse ou alguma pessoa estivesse em perigo de vida, tocava-se o sino «ao Senhor-fora» e logo acorriam as pessoas, a qualquer hora do dia ou da noite para acompanhar a Jesus Sacramentado, cantando o Bendito e Louvado seja... todo o percurso, da Igreja até à casa do doente. Se fosse de dia iam homens e mulheres, mas se fosse de noite só iam homens.

No entanto... corria o ano de 1904, era pároco desta freguesia o Rev.^{mo} Padre Bento José da Mota e seu auxiliar o Rev.^{mo} Padre António Martins Ledo, que além de desempenhar as funções de Capelão da Paróquia, dava aulas de instrução primária, na sua Casa-Escola do lugar de Belinho. Sendo Tesoureiro da Confraria do SS.^{mo} o senhor Manuel Alves Rolo lembrou ao sr. Reitor a vantagem de se realizar uma procissão que levasse a Sagrada Comunhão a todos os doentes que não viessem à Igreja pela Comunhão Pascal.

O pároco achou a ideia válida e logo o «Rolo do Moutêdo» — nome por que era conhecido — com o consentimento do sr. Reitor e o apoio incondicional do sr. Padre Ledo, se deu pressa em organizar a referida procissão: para que o povo se não enfadasse de cantar durante todo o percurso, contratou uma Banda de Música pela bonita quantia de 5\$00, importância que pôs de seu bolso, para não deseque-

librar o orçamento da Confraria, nem recorrer a novo peditério.

Assim, na Quinta-Feira da Semana Santa do ano de 1904, perante o espanto de alguns e a alegria e devoção de todos, Nosso Senhor Sacramentado percorreu os caminhos da nossa aldeia pela primeira vez em Procissão Solene, levando o conforto a todos aqueles a quem a doença ou a idade avançada, impediram de vir à Igreja participar na Comunhão Pascal.

A Procissão foi um êxito, e no ano imediato o povo pedia para que se realizasse: A Confraria como apoio do Pároco e do povo, resolveu chamar a si o encargo da sua realização afim de que esse costume se mantivesse. Durante o tempo em que foi Pároco o Snr. Padre Bento, ela saía em Quinta-feira Santa; mas o Snr. Padre Ledo ao tomar posse da paróquia em 1913 transferiu-a para a Segunda-feira de Páscoa, e durante vários anos saiu nesse dia, até que o Snr. Padre António Dias Ferreira a fixou em Domingo de Ramos, saindo invariavelmente nesse dia durante todo o tempo da sua Paroquialidade. Pode dizer-se que é no Domingo de Ramos que o povo mais gosta que ela se realize. O Snr. Padre Apolinário queria que se realizasse no Domingo antes de Ramos por nesse dia ser o Dia Nacional do Doente, no entanto nunca atingiu tanto brilho e devoção como em Domingo de Ramos.

Ao longo de todos estes anos a procissão foi motivo para grandes manifestações

de fé e devoção do nosso povo, a Jesus Sacramentado.

Quem ainda se recorda das práticas ou homilias feitas pelos Snr. Padre Ledo e Padre Ferreira na sua chegada à igreja — Quem se lembra dos Arcos Triunfais erguidos pelos nossos caminhos para a passagem do Senhor aos enfermos e os tapetes de serrim e tintas, e os desenhos feitos com flores. Tudo isto prova a adesão do povo a esta devoção.

Notas à Margem: Foi de cá, que o costume se estendeu às freguesias vizinhas, primeiro a Castelo de Neiva quando ainda era em Quinta-feira Santa. Depois a Belinho quando era em Segunda-feira de Páscoa — chegando as procissões a cruzarem-se à passagem na estrada nacional. O Snr. Padre Cêpa que foi pároco de Alvarães, tendo estado primeiro de capelão aqui em Antas, ao tomar posse da paróquia de Alvarães em 1924 logo introduziu aí o costume da procissão do Senhor aos Enfermos, costume que ainda se mantém.

Em 1947 ainda no tempo do Snr. Padre Ferreira devido ao inverno prolongado e mau estado dos caminhos, nos lugares da parte de cima teve de atravessar os campos e quintais em vários sítios para poder passar.

Várias vezes foi adiada de-
(Conclui na 11.ª pág.)

Recordar é Viver...

No dia 28 de Março p. p., o pároco completou um ano de trabalho persistente no desempenho do seu Múnus sacerdotal. Ao Povo de Deus que lhe está confiado recordou algumas palavras da Homilia da s/ primeira missa nesta Igreja: «E com uma atitude de Fé concreta e de Esperança firme que hoje testemunho o meu SIM ao convite que a Igreja — Corpo Místico de Cristo — me endereçou para presidir, responsabilizando-me pelos destinos espirituais desta Família, parcela do Povo do Senhor.

Deste modo passarei os melhores dias da minha vida na doação sacerdotal pelo serviço de uma causa que a todos nós fascina — a pessoa de Jesus Cristo, o Guia, o Amigo, o Mestre, a Salvação.

Aqui recordo as palavras do Mestre: VIM PARA SERVIR.

Aqui recordo as palavras do Apostolado: LIVRE COMO SOU, em relação a todos. de todos me fiz escravo, para ganhar o maior número possível.

Com os fracos, tornei-me fraco, a fim de os conquistar. Fiz-me tudo «para todos» a fim de ganhar alguns por todos os meios. E tudo faço por causa do Evangelho, para receber dele a minha parte».

Povo de Deus, uma esperança e uma certeza me inspiram e reanimam a alma: cada vez mais: «tudo dependerá de todos».

Assiste-me, no entanto, uma infrêmida vontade de servir, sem quaisquer condições ou reservas, unicamente preocupado em levar a todos a Luz do Evangelho — Caminho, Verdade e Vida.

Fascinamos o mesmo Ideal.

Servimos a mesma Causa.

Reconhecemos os pesados limites que a natureza nos impõe. Por isso solidarizar-nos-emos na Doação e disponibilidade Mútuas para construirmos a Cidade Terrestre e demandar a Cidade Celeste...

E ao fim de um ano de serviço, o comentário que se poderia fazer seria a reflexão às palavras do Mestre: «Ai de vós se todos disserem bem de vós, assim diziam os vossos antepassados dos falsos profetas».

Um paroquiano

Miradouro

Um tanto à distância, tenho acompanhado a obra paroquial.

O esforço tem sido notório na valorização da freguesia e benefício do povo.

Naturalmente que há, nesta ou naquela realização, opinião divergente. Mas o saldo é francamente positivo.

Desde os arranjos nos imóveis da Paróquia, levados a cabo por homens e mulheres abnegados da nossa freguesia, que voluntariamente subtraíram algumas horas ao seu trabalho nos campos, oferecendo-as ao bem comum, à criação de secções de preparação das raparigas para o futuro, muito há, efectivamente, de positivo.

É incontestável que a riqueza de uma nação passa essencialmente pelo valor do elemento humano que forma essa nação.

Não é, pois, à base da ignorância, da falta de prepara-

ção, no obscurantismo que se constroi uma vida melhor para o nosso povo.

É indispensável que de uma forma ou de outra se vão criando os organismos ou as condições necessárias, disseminadas por todos os recantos do país, tendentes à valorização da nossa juventude. em especial daquela que até agora se viu esquecida, em parte por estar afastada dos meios urbanos mais beneficiados.

Na recuperação do tempo perdido ao longo de tantos e tantos anos, a obra será gigantesca. Mas há que começar, e urgentemente.

A todos os portugueses caberá essa responsabilidade. Desde a organização e transmissão da cultura nos seus diversos aspectos à colaboração e receptividade de uma nova forma de estar no mun-

(Conclui na 11.ª pág.)

O riso não paga imposto

I

Criada — Senhor, senhor! A senhora engoliu agora uma moeda de tostão. Corra a chamar o médico.
Patrão — Não! Então tu imaginas que vou gastar cem escudos, para reaver um tostão?

II

A mãe — Zézinho onde está o teu mano?
O filho — Meti-o dentro do frigorífico, mãezinha.
A mãe — Meu Deus! Tu não vês que ele morre de frio?
O filho — Não te preocupes, eu fechei a porta!

III

Uma princesa saía todos os dias e encontrava no caminho um mendigo que dizia: — Tende compaixão deste pobre ceguinho.
Um dia, não lhe deu esmola. E o mendigo lamentou: — Como? A princesa não dá hoje esmola ao seu pobre cego?
— Como me conheces sendo cego?
— Ó senhora princesa, o cego não sou eu. É o cachorrinho.

IV

— Rósinha, posso falar em casamento à tua mãe?
— Não vejo inconveniente nisso, mas duvido que ela queira tornar a casar.

V

Um dia um homem vê uma vaca a beber água e diz assim — Olha aquela aprendeu com o dono.

VI

Professor — qual é o verbo que mais detestas?
Aluno — o verbo estudar.
Professor — e aquele de que mais gostas?
Aluno — o verbo enganar o senhor professor.

Dez preceitos para ti...

- 1.º Faz bem a todos.
- 2.º Não digas mal de ninguém.
- 3.º Relecte bem antes de te decidires.
- 4.º Cala quando estás zangado.
- 5.º Não recuses qualquer favor que possas fazer.
- 6.º Socorre os desgraçados como puderes.

- 7.º Confessa os teus erros.
- 8.º Tem paciência com todos.
- 9.º Foge das discussões.
- 10.º Desconfia do que dizem os murmuradores.

Engraxadores:

Nos Estados Unidos um ministro foi encontrar certa vez o seu presidente a engraxar as suas botas e perguntou-lhe admirado:

— Então, o sr. Presidente é quem engraxa as suas botas?

— É verdade meu amigo. Sou o contrário dos políticos que engraxam as dos outros.

A Política

Um aluno de um liceu perguntou a um militante de um partido o que era preciso para se ser um bom político. O militante respondeu-lhe:

— É preciso ter a pele dum hipopótamo, a memória de um elefante, o coração dum leão, o estômago dum avestruz e o humor de uma pèga. Mas tudo isso não servirá de nada se não tiver a teimosia de uma mula.